

**UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E CULTURA**

FRANCELE DE STEFANE BIASUS

**O PERFIL DE LEITOR DE ALUNOS DA ESCOLA ATTÍLIO
BENEDETTI EM 2019**

**Vacaria
2023**

FRANCELE DE STEFANE BIASUS

**O PERFIL DE LEITOR DE ALUNOS DA ESCOLA ATTÍLIO
BENEDETTI EM 2019**

Dissertação de Mestrado apresentada como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Letras e Cultura pela da Universidade de Caxias do Sul.

Orientadora Profa. Dra. Cristina Löff Knapp

Vacaria

2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Universidade de Caxias do Sul
Sistema de Bibliotecas UCS - Processamento Técnico

B579p Biasus, Francele de Stefane

O perfil de leitor de alunos da escola Atílio Benedetti em 2019 [recurso eletrônico] / Francele de Stefane Biasus. – 2023.

Dados eletrônicos.

Dissertação (Mestrado) - Universidade de Caxias do Sul, Programa de Pós-Graduação em Letras e Cultura, 2023.

Orientação: Cristina Löff Knapp.

Modo de acesso: World Wide Web

Disponível em: <https://repositorio.ucs.br>

1. Leitura. 2. Bibliotecas escolares. 3. Bibliotecas e usuários. 4. Estudantes. I. Knapp, Cristina Löff, orient. II. Título.

CDU 2. ed.: 028

Catalogação na fonte elaborada pela(o) bibliotecária(o)
Carolina Machado Quadros - CRB 10/2236

O PEFIL DE LEITOR DE ALUNOS DA ESCOLA ATTÍLIO BENEDETTI EM 2019.

Francele De Stefane Biasus

Dissertação de Mestrado submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Letras e Cultura da Universidade de Caxias do Sul, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Mestre em Letras e Cultura, Área de Concentração: Estudos de Linguagem, Literatura e Cultura. Linha de Pesquisa: Literatura e Processos Culturais.

Caxias do Sul, 29 de novembro de 2023.

Banca Examinadora:

Dra. Cristina Löff Knapp
Orientadora
Universidade de Caxias do Sul

Dra. Cristine Fortes Lia
Universidade de Caxias do Sul

Dra. Lovani Volmer
Universidade Feevale

Dra. Patrícia Pereira Porto
Universidade de Caxias do Sul

Dedico esta dissertação aos meus pais, que sempre me apoiam em tudo; meu marido e minha filha, que estão sempre ao meu lado.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha família, que sempre está ao meu lado nesta caminhada em busca de novos saberes.

Agradeço à Profa. Dra. Cristina Löff Knapp, por toda a compreensão nesta caminhada, pelas orientações e diálogos sempre tranquilos e cheios de sabedoria.

Agradeço ao Prof. Dr. Márcio Miranda Alves, coordenador do Programa de Pós-graduação em Letras e Cultura, pela oportunidade de cursar em minha cidade e pelas aulas que tivemos engrandecendo nosso saber.

Agradeço à minha escola e aos colegas que prontamente auxiliaram na busca de material nos arquivos guardados.

Agradeço às colegas Ana Maria, Jéssica e Kelly, que foram um grande apoio em grupo para a continuação dos estudos.

Agradeço a Deus pelas conquistas da vida!

*A leitura é uma fonte inesgotável de prazer
mas por incrível que pareça, a quase
totalidade, não sente esta sede.*

Carlos Drummond de Andrade

RESUMO

A presente dissertação traz um conhecimento melhor sobre a literatura empregada dentro das salas de aulas como ferramenta para auxiliar nos processos de alfabetização, leitura e escrita por parte das crianças, como também a desenvolver o gosto pela literatura. No Brasil, o acesso ao livro é dificultado por uma conjunção de fatores sociais, econômicos e políticos. São raras as bibliotecas escolares voltadas para o público infantil; as existentes não dispõem de um acervo adequado, e/ou de profissionais aptos a orientar o público infantil no sentido de um contato agradável e propício com os livros. Ficou em evidência que é de extrema importância para os pais e educadores discutir o que é leitura, a importância do livro no processo de formação do leitor, bem como, o ensino da literatura infantil como processo para o desenvolvimento do leitor crítico. O objetivo geral da dissertação é analisar o projeto de leitura desenvolvido em uma escola rural de Vacaria, no ano de 2019, com os alunos de terceiro, quarto e quinto anos do ensino fundamental, considerando como fonte da pesquisa, além do projeto, o livro de registros de retiradas das obras literárias na biblioteca, a fim de verificar a contribuição para a formação do perfil de leitor, a partir das escolhas literárias dos alunos. A metodologia utilizada consistiu em pesquisa bibliográfica, além da análise do projeto de leitura escrito pela professora bibliotecária da escola e uma consulta aos dados do livro de registros da biblioteca. Com isso foi possível pensar em estratégias para o uso de textos infantis no aprendizado da leitura, interpretação e produção de textos também são exploradas com o intuito final de promover um ensino de qualidade, prazeroso e direcionado à criança. A função humanizadora da leitura foi enfatizada, já que o leitor se identifica com os temas que escolhe para ler, temas que contribuem para esclarecer dúvidas do seu cotidiano. A pesquisa na Escola Municipal de Ensino Fundamental Attílio Benedetti procurou fixar o perfil do leitor e da leitura no ano de 2019 dentro do ambiente escolar.

Palavras-chave: Biblioteca Escolar; Projeto de Leitura; Perfil de Leitor; Aluno; Escola Attílio Benedetti.

ABSTRACT

The paper to be written will provide better knowledge about the literature used in classrooms as a tool for children's literacy, reading and writing. In Brazil, access to books is made difficult by a combination of social, economic and political factors. School libraries aimed at children are rare; The existing ones do not have an adequate collection, and/or professionals capable of guiding children towards a pleasant and conducive contact with books. It will be evident that it is extremely important for parents and educators to discuss what reading is, the importance of books in the reader's development process, as well as teaching children's literature as a process for developing critical readers. Regarding reading and children's literature, parents and teachers should explore the educational function of literary text: fiction and poetry through the selection and analysis of children's books; the development of playfulness and mastery of language; working with children's literature projects in the classroom, using children's stories as a path to multidisciplinary teaching. Strategies for using children's texts in learning to read, interpret and produce texts are also explored with the ultimate aim of promoting quality, enjoyable and child-oriented teaching. Only this way will we transform Brazil into a country of readers. The humanizing function of reading will also be emphasized, as the reader identifies with the themes they choose to read, themes that help to clarify doubts in their daily lives. The research at the Attílio Benedetti Municipal Elementary School seeks to establish the reader and reading profile in 2019 within the school environment.

Keywords: literary reading; reader profile; Attílio Benedetti School; school library.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Livros infantis e faixas etárias	41
Quadro 2 – Fases do processo de leitura literária.....	54

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Percentual de retirada de livros da biblioteca por gênero do leitor .68	.68
Gráfico 2 – Percentual de leitura por ano escolar69	69
Gráfico 3 – Percentual de retirada de livros por mês69	69
Gráfico 4 – Número de retiradas dos livros <i>Quando Me Sinto</i>74	74

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Sala da biblioteca durante o período de isolamento.....	61
Figura 2 – Local da biblioteca na pandemia.....	62
Figura 3 – Visão do espaço da biblioteca da Escola Attílio Benedetti	63
Figura 4 – Espaço físico da biblioteca da Escola Attílio Benedetti	63
Figura 5 – Acervo literário da Escola Attílio Benedetti.....	65
Figura 6 – Capa do livro de retiradas da Escola Attílio Benedetti.....	70
Figura 7 – Página do livro de registro das retiradas de livros da escola Attílio Benedetti.....	71
Figura 8 – Coletânea dos livros <i>Quando me Sinto</i>	73

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento Pessoal de Nível Superior
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
RCNEI	Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil
SAEB	Sistema de Avaliação da Educação Básica
INEP	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 LEITURA.....	18
2.1 CONHECENDO O PROCESSO DE LEITURA	19
2.2 ESTIMULANDO A LEITURA A PARTIR DA LITERATURA INFANTIL	31
2.3 PANORAMA DA LITERATURA INFANTIL BRASILEIRA	37
3 LEITOR LITERÁRIO E A BIBLIOTECA ESCOLAR.....	44
3.1 A LEITURA LITERÁRIA E O LEITOR	48
3.2 RELEVÂNCIA DA BIBLIOTECA ESCOLAR PARA A FORMAÇÃO DO LEITOR	55
3.3 O PROJETO DE LEITURA NA BIBLIOTECA ESCOLAR.....	58
3.3.1 Perfil do leitor	67
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	81
REFERÊNCIAS.....	85

1 INTRODUÇÃO

A paixão por educar sempre esteve presente em minha vida. Minha mãe é professora aposentada, minhas três tias são professoras e, como a vida se inclinou para este, lado resolvi entrar para o time da família. Primeiro, optei pelo magistério, ministrado pelas irmãs de São José, onde aprendi muito e tive minha primeira experiência docente. Depois, ingressei no curso de Pedagogia da UCS, muita tensão no vestibular, pois realizei no antigo *Campus*, enorme, quase assustador para quem saiu do ensino médio. Maior alegria a minha ao passar e começar meus estudos superiores. Antes de terminar a graduação, entrei como concursada no município, onde estou há 18 anos trabalhando. Fiz duas pós-graduações na UCS: uma em gestão escolar e a outra em supervisão escolar. Mas minha paixão sempre foi a alfabetização. Desde criança, sempre fui incentivada a ler: meus pais sempre priorizaram os livros, gibis, histórias ouvidas em fitas k7 e até mesmo contadas ou inventadas por eles. A literatura foi e é presente em minha vida. Hoje, incentivo meus alunos e minha filha a viajar nas histórias; por isso e por tantos motivos mais, vejo na leitura literária um caminho para formar leitores mais ativos. Dessa forma, justifico a escolha desse tema para pesquisa. A preferência pelas turmas de terceiro, quarto e quinto ano se deu pelo fato de já dominarem a leitura e a escrita, uma vez que o primeiro e o segundo anos ainda estão ingressando e concretizando esse processo.

A literatura, como toda arte, é uma recriação do real, é a realidade que foi reformulada utilizando o espírito do artista e retransmitida através da língua para as formas, que são os gêneros, e com os quais ela toma corpo e nova perspectiva. Passa, então, a viver outra vida, autônoma, independente do autor e da experiência real da qual proveio. Os fatos que lhe deram, às vezes, origem, perderam a realidade primitiva e adquiriram outra, graças à imaginação do artista.

A literatura é muito importante para a formação de todos, pois com ela as crianças e adolescentes entram em contato com o mundo letrado, ampliando seu vocabulário e proporcionando maior conhecimento da formação de textos. Com a literatura, é possível perceber que as histórias podem ter início, meio e fim, seguindo uma sequência lógica que passa a fazer parte do seu cotidiano.

Por outro lado, a literatura como expressão humana conduz ao autoconhecimento e, por sua natureza de ficção, estimula muito a imaginação. Em um mundo tão conturbado como o atual, a literatura é o espaço da criação, da liberdade

de pensar, retirando a criatura da escravidão de pensamentos, da passividade própria de uma sociedade dominadora.

Quando a aquisição da leitura e da escrita é concebida como uma forma de acesso à cultura, não é possível admitir que existam crianças e adolescentes dentro do ambiente escolar que não tenham estimulado o hábito de ler com frequência. A literatura é uma ferramenta a ser explorada pelos professores; dessa forma, os alunos passam a compreender melhor o mundo que os cerca, criam laços de sintonia com a comunidade e com o mundo. Para eficiência do recurso da literatura, os educandos devem ser estimulados a ler diversos temas, não somente textos trabalhados exclusivamente para o cunho educacional, deve-se ir além do livro didático, abranger jornais, revistas, livros de histórias, contos, poesias, enfim, todos os segmentos.

Segundo Soares (2001, p. 36), as relações existentes entre o processo de escolarização e a literatura podem ser interpretadas em duas perspectivas: em uma primeira, as relações estariam na apropriação, pela escola, da literatura; ou seja, haveria uma literatura que seria destinada à escolarização; de acordo com a segunda perspectiva, a escola lança mão da literatura para incorporá-la às suas atividades de ensino e aprendizagem, fazendo dela uma literatura escolarizada.

A literatura transforma os leitores em pessoas autônomas, capazes de refletir, dialogar, dar sentido para o mundo que os rodeia e oferecer instrumentos para a resolução de situações que, muitas vezes, parecem complexas. Todavia, para isso, é necessário que esse leitor sinta vontade de ler.

A revisão bibliográfica qualitativa que se realiza neste estudo possui como objetivo principal analisar o projeto de leitura desenvolvido em uma escola rural de Vacaria, no ano de 2019. O público-alvo são os alunos de terceiro, quarto e quinto anos, do ensino fundamental totalizando 26 alunos, considerando como fonte da pesquisa, além do projeto, o livro de registros de retiradas das obras literárias na biblioteca. Procura-se enfatizar a contribuição do projeto para a formação do perfil de leitor a partir das escolhas literárias dos alunos.

O contágio mundial em massa pela pandemia denominada COVID-19 afetou o cenário mundial nos mais diversos campos, trazendo consequências econômicas, políticas, sociais, atingindo o campo educacional. É importante ressaltar que o ano-base para a coleta de dados é 2019 devido à pandemia do COVID-19, que deixou crianças e adolescente afastados por dois anos do ambiente presencial das escolas, período crítico para a educação diante da falta da relação entre professor e aluno e

da motivação que esses profissionais demonstraram no que tange ao incentivo da leitura literária nos anos de 2020 e 2021.

O estudo proposto, em um primeiro momento, pretende despertar o interesse pela leitura e sua contribuição histórica para o crescimento e desenvolvimento dos indivíduos. É importante ressaltar que a literatura, bem como toda a cultura criadora e questionadora, não está sendo explorada como se deve nas escolas, e isso ocorre, em grande parte, pela falta de tempo dos professores e pelo pouco apoio das famílias no que diz respeito ao processo de leitura do ponto de vista literário.

A opção pela literatura infantil como possibilidade de articular a literatura com outras áreas nos primeiros anos da vida escolar deu-se em razão de três fatores principais. O primeiro refere-se ao fato de as crianças não terem acesso direto ao acervo de livros de literatura infantil em sala de aula nem em outros espaços da escola, o que nos levou, até mesmo, a pensar na possibilidade de empréstimo aos alunos. O segundo diz respeito à formação dos professores, conhecimento da literatura infantil brasileira ou internacional, preocupação em desenvolver um trabalho criativo com as obras literárias, diversificando procedimentos. Por último, mas não menos relevante, a convicção de que o trabalho contínuo e sistematizado com livros de literatura infantil é um aliado importante dos professores da escola Infantil.

Para Kleimann (2015, p. 36), a formação acadêmica, infelizmente, não dá ênfase à leitura e essa é uma situação contraditória: “não se contrata um instrutor de natação que não sabe nadar, no entanto, as salas de aula brasileira estão repletas de pessoas que apesar de não ler, tentam ensinar”. Existem dois fatores que contribuem para que a criança desperte o gosto pela leitura: curiosidade e exemplo. Nesse sentido, o livro deveria ter a importância de uma televisão dentro do lar. Os pais deveriam ler mais para os filhos e para si próprios.

Ouvir histórias é um acontecimento tão prazeroso que desperta o interesse das pessoas em todas as idades. Se os adultos adoram ouvir uma boa história, um “bom caso”, a criança é capaz de se interessar e gostar ainda mais delas, já que sua capacidade de imaginar é mais intensa. Destaca-se a o entendimento de Barbosa:

Para a criança, ouvir histórias estimula a criatividade e formas de expressão corporal. Sendo um momento de aprendizagem rica em estímulos sensoriais, intelectuais, dá-lhes segurança emocional. Ouvir histórias também ajuda a criança a entrar em contato com suas emoções, supre dúvidas e angústias internas. Através da narrativa a criança começa a entender o mundo ao seu redor e estabelecer relações com o outro, a socialização. Conseqüentemente,

são mais criativas, saem-se melhor no aprendizado e serão adultos mais felizes (Barbosa, 1999, p. 22).

As leituras realizadas voltadas ao tema de formação literária dos alunos no ensino fundamental têm como finalidade a construção de projetos de incentivo à leitura diversificados, onde a formação do leitor seja o foco principal. Deve-se enaltecer que o incentivo à leitura como fator benéfico ao aluno como um todo, uma vez que a leitura aumenta a criatividade dos indivíduos, fomenta o vocabulário, desenvolve um suporte psicológico no enfrentamento de situações vividas no cotidiano e permite que os indivíduos expressem suas angustias e anseios.

Como esta pesquisa enfatiza a importância da leitura na escola, foi realizado um levantamento de dados nos sistemas da CAPES, onde foram encontradas algumas dissertações, considerando a área do conhecimento aplicado, como: *Escolarização da literatura infantil na escola do campo*, da autora Lucivânia Deodato da Silva, 2014, da Universidade Federal de Campina Grande; *Práticas de letramento em uma escola do campo: uma análise na disciplina de língua portuguesa*, da autora Elizabete Aparecida de Carvalho, 2017, da Universidade Federal de Minas Gerais; *O aluno da escola rural: a influência do contexto no desenvolvimento das práticas de leitura*, de Idelvone Fátima dos Santos da Rocha, 2011, da PUC de Goiás; *Dificuldades de leitura de alunos dos anos finais do ensino fundamental em uma escola rural baiana: representação de professores de diferentes disciplinas*, de Maria Vitória da Silva, 2016, da USP.

Os dados para a realização do presente estudo foram coletados na Escola Municipal de Ensino Fundamental Atílio Benedetti, localizada no Capão da Herança, 3º Distrito de Vacaria - RS, que conta com a média de 85 estudantes, distribuídos nos turnos de manhã e tarde. Além do ensino fundamental de nove anos completo, também possui turmas de pré-escola I e II. Atualmente atuam na escola sete professores, sendo uma professora/supervisora e duas funcionárias. Todos os professores possuem graduação de nível superior completo, a maioria com especialização na sua área.

A escola, por sua localização, recebe a função de agregar os alunos oriundos de pomares, fazendas, granjas e adolescentes do 6º Distrito de Vacaria (Coxilha Grande, Caravágio e Itacolomi). O fluxo de alunos é intenso devido ao trabalho sazonal das famílias, o que interfere na aprendizagem dos alunos pela falta de

sequência nos conteúdos. A escola é vista pela comunidade como principal fonte de conhecimento para seus filhos, rumo a um futuro melhor.

O capítulo dois remete à importância do ambiente da biblioteca da escola, bem como o papel do bibliotecário no processo de estímulo à leitura e na criação de estratégias que envolvam todos os anos escolares. A formulação de estratégias de leitura deve ser pensada conjuntamente, englobando toda a comunidade escolar, instituindo uma biblioteca aberta, com troca mútua de conhecimentos, história e vivências que surgem através dos textos explorados.

O terceiro capítulo enfatiza a importância do leitor, do indivíduo como formador de sua aprendizagem. Nesse quesito, as escolas têm o compromisso de formar leitores que desenvolvam o hábito da leitura literária, trazendo à tona o desejo por ela, fazendo, inicialmente, o uso da biblioteca escolar para atingir esse resultado e, por conseguinte, levando esse costume para a vida. A educação tem papel fundamental na formação e no desenvolvimento do ser humano a partir de conhecimentos articulados com a produção cultural. Esse processo tem um forte enfoque, pois nesse sentido há uma grande perspectiva de responsabilidade dos educadores frente à formação dos leitores.

Por fim, esta pesquisa pretende averiguar a importância de promover atividades voltadas para a leitura literária, nos anos iniciais do ensino fundamental, de uma escola rural de Vacaria, no ano de 2019. Com os dados coletados nesse ambiente escolar, pretende-se fixar os parâmetros que incentivam ou desestimulam os alunos a ler, o que faz com que eles visitem o ambiente da biblioteca e, diante do acervo literário da escola, façam suas escolhas de leitura, o que deve ser de forma espontânea e não pela obrigação de ler e fazer um resumo para determinada disciplina, por exemplo. É necessário que os estudantes entendam os caminhos abertos pela leitura literária na formação de leitores, na visão futura do mundo que o cerca. A partir dos dados coletados, será possível traçar metodologias e estratégias que tenham por base a leitura literária e o evoluir dos indivíduos.

2 LEITURA

Inúmeros indivíduos sabem da importância da leitura para o desenvolvimento intelectual, social e emocional da criança. No entanto, nos deparamos com uma realidade em que a leitura é vista como uma imposição dentro das escolas, e não como um hábito prazeroso e enriquecedor que deve ser incorporado pela vida toda. Visto isso, justifica-se, então, a importância de reforçar os benefícios de manter uma estreita relação entre professor, aluno e livro. A literatura contribui para o crescimento emocional, cognitivo e para a identificação pessoal da criança e do adolescente, propiciando ao educando a percepção de diferentes resoluções de problemas, além de despertar sua criatividade, sua autonomia e sua criticidade, que são elementos necessários na formação de indivíduos da sociedade atual. Nas palavras de Colomer (2003):

Se as crianças entram em contato com a literatura através dos livros infantis e juvenis é necessário pensar que tipo de aprendizagem é essa, que tipo de texto supõe e que relação há entre os textos destinados às crianças e o conjunto dos fenômenos literários (Colomer, 2003, p. 92).

As situações de interação, contato e manuseio de diferentes materiais escritos são importantes para a aprendizagem da leitura e da escrita. O fato é que esse manuseio se tornará mais enriquecedor se as histórias forem literárias, pois os desenhos maravilhosos e os enredos instigantes que se encontram explícitos nos livros são como um convite que fascina a criança, proporcionando-lhe imenso prazer e interesse.

Dessa forma, este capítulo contemplará as discussões baseadas em teorias estudadas por Leffa (1996), Aguiar (2011), Castrillón (2011), Zilberman (1988, 2008) e Meireles (1984), entre outros autores que, seguindo caminhos diversificados de pesquisa, buscaram enfatizar que a leitura literária é um recurso rico a ser explorado pelos professores de todos os anos escolares, a qual aprimora, por assim dizer, a dicção, a escrita e o processo de desenvolvimento integral dos alunos.

2.1 CONHECENDO O PROCESSO DE LEITURA E ESCRITA (inserir nota de rodapé: Entendo que o processo de leitura está relacionado e auxilia no processo de escrita, por esse motivo, em alguns momentos desse capítulo falarei sobre a escrita.)

Na busca por uma conceituação simples de literatura infantil, Cademartori (2010) afirma que esse é um gênero literário definido pelo público a que se destina. Alguns textos são considerados pelos adultos como sendo específicos para crianças, e é a partir desse juízo que recebem essa designação particular de gênero literário e passam a ocupar determinado lugar entre os demais livros.

A leitura se caracteriza como um processo em que o leitor realiza um trabalho de construção de significados de um determinado texto a partir dos seus conhecimentos prévios sobre o assunto e a partir de sua habilidade de entendimento do sistema de escrita. Desse modo, quem detinha o domínio da leitura era também detentor do poder, fato que acabava por alimentar um sistema social excludente. Conforme Castrillón:

Historicamente a leitura tem sido um instrumento de poder e de exclusão social: primeiro nas mãos da Igreja, que garantia para si, por meio do controle dos textos sagrados, o controle da palavra divina; em seguida, pelos governos aristocráticos e pelos poderes públicos e, atualmente, por interesses econômicos que dela tentam se beneficiar (Castrillón, 2011, p. 16).

Cabe à escola, enquanto instituição social, e aos professores, enquanto agentes de leitura, demonstrar a diferença trazida pelos diversos modelos de textos literários, apresentados por autores distintos e suas escritas únicas, que buscam extrair e apresentar conhecimentos em suas narrativas, em suas palavras poéticas e com pontos de vistas diversificados. Também fica a cargo da escola promover o crescimento do leitor, seja pelo contato com variados temas da leitura, seja quanto ao formato da escrita literária, ou até mesmo pelo compartilhamento e pela discussão de ideias com o uso de argumentação sólida e coerente.

A narrativa faz parte da vida da criança desde quando bebê, através da voz amada, dos acalantos e das canções de ninar, que mais tarde vão dando lugar às cantigas de roda, a narrativas curtas sobre crianças, animais ou natureza. Na creche, crianças bem pequenas já demonstram seu interesse pelas histórias, batendo palmas, sorrindo, sentindo medo ou imitando algum personagem. A criança adora ouvir como foi que ela nasceu, ou fatos que aconteceram com ela ou com pessoas da sua família.

Nesse sentido, é fundamental para a formação da criança que ela ouça muitas histórias desde a mais tenra idade.

O primeiro contato da criança com um texto é realizado oralmente, quando o pai, a mãe, os avós ou outra pessoa conta-lhe os mais diversos tipos de histórias. A preferida, nessa fase, é a história da sua vida. À medida que cresce, já é capaz de escolher a história que quer ouvir, ou a parte da história que mais lhe agrada. É nesta fase, que as histórias vão se tornando, aos poucos, mais extensas, mais detalhadas.

A leitura é de extrema importância na vida do ser humano, já que sua prática exercita a memória, estimula a criatividade, melhora significativamente a capacidade de interpretação, conserva o raciocínio sempre ativo, trabalha a imaginação, fornece um vocabulário diversificado e contribui com o desenvolvimento da escrita. Ler transforma as pessoas, pois altera sua capacidade de pensar e agir, além de ser um recurso que as tira da estagnação. Dessa forma, a leitura também transforma o mundo, já que o ser humano atua nele por meio de ações diárias.

Com relação a esse importante processo de leitura, trazemos a contribuição de Aliende (2005):

A leitura é a única atividade que constitui, ao mesmo tempo, disciplina de ensino e instrumento para manejo das outras fases do currículo [...] a ênfase está em aprender a ler para aprender. Nas séries fundamentais, a aprendizagem do código dentro de contextos significativos para a criança é de grande importância (Aliende, 2005, p. 13).

Para Moll (2002), a criança constrói sistemas de representação para a compreensão do mundo em que vive e, à medida que a escrita é um objeto cultural produzido historicamente pela humanidade e presente nas situações do seu cotidiano, desenvolve esquemas cognitivos para compreendê-la. Esse processo de apropriação da criança se dá antes da sua entrada na escola, a partir de sua relação com a língua escrita. A função social da escrita é aprendida nessas relações e interações em suas múltiplas possibilidades.

Diante da relevância da leitura na formação dos educandos, as leis educacionais – os Parâmetros Curriculares Nacionais e a Base Nacional Comum Curricular – deixam muito claro que mudanças devem ser feitas nos projetos de leitura, de modo que a literatura e o hábito de ler deixem de ser meros objetos de ensino e passem a ser recursos pedagógicos fundamentais para o desenvolvimento da linguagem e da evolução educacional de cada indivíduo. Fica expresso nos

Parâmetros Curriculares Nacionais que “a leitura na escola tem sido fundamentalmente um objeto de ensino, para que esta se constitua em um objeto de aprendizagem é necessário que tenha sentido para o aluno” (PCN, 2001, p. 54). O Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil considera que:

O trabalho com a linguagem se constitui um dos eixos básicos na educação infantil, dada sua importância para a formação do sujeito, para interação com as outras pessoas, na orientação das ações das crianças, na construção de muitos conhecimentos e no desenvolvimento do pensamento (Brasil, 1998, p. 117).

Ler não é apenas decodificar palavras, a leitura envolve mais que conhecer o sistema da escrita, é um percurso a ser trilhado pelos olhos, em que cada palavra transcrita é devorada por aquele que a lê. Ao exercitar a leitura, usamos a visão, pois, quando lemos, olhamos para as palavras, mas vemos um mundo de significados que vão criando forma à medida que a leitura avança. É importante ver através da leitura, enxergar o mundo que ela cria e preenchê-lo com sentidos. De acordo com Leffa (1996, p. 14), “a acepção de que ler é atribuir significado, põe a origem do significado não no texto, mas no leitor. O mesmo texto pode provocar em cada leitor e mesmo em cada leitura uma visão diferente da realidade”. Já para Maia, “a literatura possibilita à criança uma apropriação lúdica do real, a convivência com um mundo ficcional, a descoberta do prazer proporcionado pelo texto literário e a apreensão do potencial linguístico que esse texto expressa” (Maia, 2007, p. 37).

Para Gaté (2001), “a leitura é uma atividade inteligente de construção de sentido, na qual a busca ativa de sentido constitui a finalidade básica do ato de ler, em que o indivíduo assume, numa situação de comunicação diferenciada, o papel de receptor”. Conforme destaca Souza Pan (2006), ler e escrever são atividades compulsórias para crianças de uma sociedade letrada.

Ler é essencial no processo de desenvolvimento de competências necessárias à formação do profissional contemporâneo. Para ser um bom leitor, o aluno precisa saber aliar a informação ao conhecimento. Não basta saber ler somente, mas é preciso desenvolver a compreensão, a interpretação, a habilidade de comunicação e o senso crítico.

Com o passar do tempo, a leitura foi ganhando espaço e conquistando adoradores de diversas idades, pois ler por prazer é diferente de ler por necessidade. O leitor que escolhe ler se dedica, concentra sua atenção no tema escolhido para

captar cada detalhe, reflete sobre as ideias do autor, correlaciona-as com a sua própria realidade e desenvolve sua opinião a partir das diversas questões que lhe foram apresentadas, ao contrário daquele que está lendo pela obrigação do momento. Nas palavras de Aguiar (2011):

Quando nos ocupamos da formação do leitor, temos em vista o leitor literário, aquele que dispensa seu tempo, espontaneamente, com livros de literatura, fruídos com atenção e prazer. As outras leituras, aquelas que fazemos diariamente, por necessidade e até curiosidade, acontecem quase automaticamente e valem apenas por sua utilidade imediata (Aguiar, 2011, p. 104).

A ação de ler é imprescindível para o desenvolvimento da aprendizagem do aluno, bem como para sua inserção social. A escola é um espaço oportuno e rico para tornar a leitura um hábito na vida do educando. O ato de ler traz enormes benefícios para aqueles que da leitura se apropriam. Por isso, a escola, como espaço de aprendizagens, deve tornar a sala de leitura acessível ao aluno.

Por outro lado, não basta que as escolas e os professores ofereçam ao discente acesso aos livros. Incentivar, motivar, ajudar a ler e a interpretar permite que dificuldades na escrita e na capacidade de expressão sejam superadas. Um dos entraves encontrados no âmbito do processo de ensino-aprendizagem é a produção da escrita e, nesse sentido, o gosto pelo ato de ler é um dos caminhos para a superação dessa dificuldade.

Os estudos de Silva (2012, p. 27) evidenciam que a maior dificuldade que os professores encontram para executarem a prática docente de leitura, durante o processo de ensino-aprendizagem, está no fato de que a escola prioriza a escrita em detrimento da leitura. Na verdade, a leitura no começo da vida escolar é tão importante quanto a produção livre de um texto.

Pensando na importância da leitura para o desenvolvimento da criança, entende-se que a família também é um espaço rico para torná-la um hábito, pois, quando crianças observam seus pais ou responsáveis lendo, começam a imitá-los e, dessa forma, incorporam a prática de ler às suas atividades diárias. Nesse sentido, o professor precisa estar atento a mais essa questão, ou seja, desempenhar o papel de motivador e estimulador desse processo ao propor atividades de leitura e ao desenvolver projetos com iniciativas que envolvam os pais – para que esses, por sua

vez, motivem os filhos para o desenvolvimento de leitura dinâmica, contínua e instrutiva.

Entende-se que a leitura deve ser incentivada desde cedo, pois, assim, o desenvolvimento de crianças e adolescentes acontecerá com maior facilidade, e a presença da família como colaboradora desse processo faz com que os objetivos traçados sejam alcançados com maior eficácia. Diante da situação da escola como incentivadora da leitura, o aumento do número de pessoas que leem está relacionado a ela, pois a instituição escolar pública não é restrita, portanto, não há excluídos e a quantidade de leitores certamente teria tendência de ficar maior. De acordo com Zilberman:

Ensinar a ler e escrever tem sido atribuição da escola desde seus inícios, sendo essas atividades estimuladas já nas primeiras séries – ou ainda na pré-escola, segundo algumas orientações – e praticada em todas as disciplinas (Zilberman, 1988, p. 112).

A escola precisa ter o cuidado de não restringir o uso da leitura literária apenas ao uso didático, de forma a torná-la cansativa e fazê-la perder seu brilho. Usar o texto literário com a intenção de atingir um determinado objetivo tanto o deixa menos importante como também prejudica a ação que a leitura desenvolve no leitor, interrompe o processo de criação, de interação entre histórias e a sensação de vivenciar a fantasia.

O mundo da fantasia proporciona à criança habilidades para vivenciar, criar e recriar cenas vividas no seu cotidiano e que darão alternativas e possibilidades para que ela possa entender o mundo do qual faz parte. A educação integral e eficiente deve ser entendida enquanto formação social de um sujeito histórico, com saberes oriundos da vida em comunidade com uma especificação única.

Utilizar essa prática em relação à leitura literária, fazendo uso apenas para fins de exercícios gramaticais, acaba afastando o público adolescente da literatura. As leituras literárias devem ter sentido para os leitores, proporcionando que se estabeleçam relações, interajam, exercitem sua habilidade leitora e utilizem seus conhecimentos prévios durante o ato de ler, afinal, esse tipo de leitura permite que o leitor entre em um mundo específico e perceba sua realidade perante o enredo à sua frente. Para Zilberman:

A fantasia transfere essa forma para a literatura, e o leitor procura ali os elementos que expressam seu mundo interior. Pode ser que ele não opere como o escritor, que produz um texto literário ao elaborar de modo criativo seus processos internos; mas ele passa por situação similar, na medida em que o mundo criado agita seu imaginário e faz com que, de alguma maneira, esse se manifeste e transforme-se em linguagem (Zilberman, 2008, p. 20).

À medida em que o leitor vai avançando em uma história, ele começa a fazer relações entre suas vivências e o que está sendo percebido no decorrer das páginas recheadas de acontecimentos que precisam ser absorvidos pelos olhos dos admiradores literários. Ao aplicar a leitura de forma prazerosa e expressiva, a história se torna significativa para quem a lê e, assim, permanece em sua memória.

Através da leitura, a criança e o adolescente se conectam com o mundo, tanto em termos lúdicos como em termos reais, identificando-se com personagens, seja pela história vivida por eles ou por traços de suas personalidades. Lendo e definindo suas preferências, os educandos passam a incorporar e verbalizar os temas no seu cotidiano. Conforme Zilberman (2008, p. 17), todas as experiências da leitura devem decorrer das propriedades da literatura, que possui uma forma de expressão que utiliza como fonte a linguagem verbal, contando as vivências dos personagens de forma coerente e compreensível – ou seja, racional.

A leitura é uma forma exemplar de aprendizagem, é um dos meios mais eficazes de desenvolvimento sistemático da linguagem e da personalidade. Favorece a remoção de barreiras educacionais.

Faria (2014) explana que é de suma importância que os textos e livros sugeridos estejam de acordo com a faixa etária das crianças e adolescentes, bem como lhe agreguem conhecimentos gerais e valores pessoais, cabendo ao professor considerar que as mudanças pelas quais passa a sociedade exigem um sistema educacional renovado. Nas palavras de Rodrigues:

O gosto pela leitura pode ser estimulado desde cedo, quando mal as crianças saem do berço. Com o ouvido atento, os pequenos escutam as histórias de fadas, bruxas e castelos encantados com admiração e assim têm o primeiro contato com o mundo da literatura. A participação da família é decisiva nesse processo, pois com a ajuda dos pais a leitura deixa de ser obrigatória e se torna um programa de família, passando a fazer parte do cotidiano das crianças (Rodrigues, 2007, p. 35).

Na análise de Picanço (2012), a família é a primeira instituição que irá educar o indivíduo para viver em sociedade, em outras palavras, a instituição familiar é a

responsável pela transmissão e pela compreensão, mesmo que de maneira básica, dos valores morais, éticos, sociais e humanos, fundamentais para o desenvolvimento do sujeito. Diante dessa importância da família, torna-se basal que esse sujeito seja exposto, na tenra idade, aos livros. Será por intermédio de seus pais ou por intermédios de seus professores que o aluno conhecerá os livros. Na infância, podem-se inculcar na memória da criança boas experiências leitoras quando suficientemente estimulada.

O papel da família é essencial para a vida e crescimento dos infantes no que diz respeito ao primeiro contato com o mundo dos livros. Dentro da família, a criança vai iniciar o processo de encanto pela leitura e, conseqüentemente, desenvolver o hábito de ler como uma atividade natural e prazerosa, resultando, assim, em um aprendizado não somente da língua, mas de todas as outras áreas do ensino de modo efetivo e significativo (Gonçalves, 2014).

A escola, local onde se inicia a instrução formal, é o mesmo local onde a maioria das crianças passa a ter acesso mais frequente aos livros infantis, visto que a aquisição desses materiais não é acessível a todas as camadas da população e, em nosso país, não faz parte da cultura frequentar bibliotecas públicas. Por isso, a escola deveria ser o local onde os indivíduos possam saborear o mundo irreal, a fantasia, a viagem pelo mundo dos livros, mas nem sempre isso acontece. Segundo Romani (2022, p. 13), muitas vezes a prática educativa é desmotivadora e disciplinadora, desse modo, os educandos acabam vendo a escola como um local desagradável, triste e sem prazer.

Grande parte das escolas possui amplo acervo de livros infantis que nem sempre são explorados pelos professores. Quando os pequenos manuseiam de um modo concreto o material didático, seu processo de ensino-aprendizagem cria uma forma para si mesmo, ou seja, um contorno é delimitado para esse processo.

O processo de aprendizagem se inicia assim que a criança nasce a partir da percepção do mundo à sua volta, das pessoas que a cercam e dos relacionamentos afetivos que desenvolve. Todos esses fatores colaboram para o desenvolvimento da linguagem, que a princípio é incentivado principalmente pela família (Queiroz; Tavares, 2018, p. 112).

Progressivamente, as crianças vão ampliando e enriquecendo seu vocabulário e demais recursos de expressão e de compreensão, apropriando-se da língua materna – que se torna, pouco a pouco, seu veículo privilegiado de interação. Na

Educação Infantil, é importante promover experiências nas quais as crianças possam falar e ouvir, potencializando sua participação na cultura oral, pois é na escuta de histórias, na participação em conversas, nas descrições, nas narrativas elaboradas individualmente ou em grupo e nas implicações com as múltiplas linguagens que a criança se constitui ativamente como sujeito singular e pertencente a um grupo social (Brasil, 2017, p. 40).

A tecnologia entra nesse contexto, visto que, atualmente, presencia-se o uso de celulares na mão de crianças pequenas, como se o dispositivo se tornasse a chupeta do momento, para acalmar a birra. Ou seja, nossas crianças estão tendo acesso a esse recurso digital, que não deixa de ser uma ferramenta que possibilita a aprendizagem da escrita e da leitura.

Vive-se em um mundo totalmente globalizado, marcado pelos avanços tecnológicos e pelos meios de comunicação, no qual as crianças têm um grande acesso ao conhecimento, que é proporcionado a elas pelos diferentes canais transmissores. Estando a escola inserida nesse contexto, cabe a ela proporcionar um ensino mais dinâmico, tornando a leitura uma atividade atrativa, prazerosa, estimulante e significativa aos alunos (Rodrigues; Ferreira, 2016, p. 29).

Para Aparecido (2004, p. 12), o professor precisa saber que pode usar pequenas coisas e transformá-las em algo atrativo, diferenciado. Por exemplo, hoje se tem uma polêmica muito grande com relação a contar histórias. A tecnologia acabou substituindo o papel do professor como leitor, como aquele que lê com a emoção de cada personagem, de cada ação que o livro apresenta, passando essa função para os aparelhos de vídeo, DVD, computador e celular, que exibem vídeos das histórias e contos de fadas para as turmas. O aluno passa a ser um mero assistente de imagens, sem interação com o livro, com a manipulação do material impresso, com a imaginação que cada página lida gera. Para Aparecido (2004, p. 12), quando não há material, pode-se usar o próprio corpo, através da expressão corporal, da mudança de voz, ou utilizar o mecanismo do desenho criativo no quadro com uma surpresa dinâmica.

Dessa forma, o consumo de bens como livros de literatura refletia o ideal de escolarização e cultura com os quais essas camadas desejavam se identificar, cujo representante era a alta burguesia.

Realizando leituras e analisando sugestões, podem-se citar ideias que abrem caminhos para levar os livros de turma em turma, tais como:

- Mala surpresa: uma mala que conterà fantasias dos personagens dos mais diversos contos infantis, acervo este que a escola já possui.

- Sapateira literária: é um local onde os livros devem ser armazenados nas salas de aulas. Em vez de ficarem em armários, será confeccionado um em forma de sapateira, com vários bolsos coloridos, com ilustrações e com letras para estimular a utilização por parte dos alunos.

- Painel de recortes: a partir de revistas e jornais velhos, os alunos retiram todas as imagens que acharem interessantes para colar em um painel a ser fixado na sala de aula. Os professores devem, nesta atividade, estimular que os alunos digam por que selecionaram determinada imagem, o que lhes chamou a atenção e o que a criança pensa de tal imagem.

- Fantoches: confeccionar bonecos com meias, cones e material diversos para que sejam contadas histórias dos contos infantis para as turmas.

- Acampamento literário: montar uma barraca no pátio da escola onde as turmas poderão realizar leituras, escutar histórias contadas pelos professores, ou seja, criar um ambiente estimulante para a exploração dos livros e do meio ambiente da escola.

- Quebra-cabeça de palavras: para as turmas de jardim, pode-se confeccionar quebra-cabeças com personagens das histórias infantis e das letras iniciais de seus nomes, para que, dessa forma, a criança relacione o som à imagem da letra.

- Tarde no cinema: com o uso da televisão e do DVD da escola, proporcionar uma tarde de filmes e histórias infantis, já que a maioria não tem contato estreito com essas ferramentas, uma vez que são oriundos de famílias de baixíssima renda. Pode-se fazer isso com direito a lanche, pipoca e suco.

- História cantada: com o auxílio de CDs que contam histórias, ensinar as crianças a ouvir e imaginar as histórias e seus personagens, dando forma ao que estão ouvindo.

- Jogo da memória: confeccionar jogos da memória com os personagens das histórias infantis e incentivar o manuseio por parte dos alunos.

- Mamãe contando histórias do seu tempo: convidar uma mãe, pai, irmã ou avós para que venham até a escola e contem as histórias que seus familiares lhe contavam quando eram pequenos.

- Cantigas: cantar cantos infantis diversos e executar os gestos que podem ser usados para expressar o que música quer dizer. Essa atividade, além de estimular a leitura e a musicalidade, desenvolve a lateralidade e o psicomotor da criança.

- Toalha inteligente: recortar cenas das histórias em quadrinhos xerocadas e montar um painel em papel pardo que será posteriormente usado como toalha para o lanche e para realizar atividades diversas.

- Colocando o personagem na história certa: montar cenários das histórias em papel pardo e pedir que as crianças colemb os personagens no painel correto.

- Criando um livro: a partir de sugestões das crianças, cada professor criará um livro com ilustrações, e a história, depois de revisada, será incluída no acervo literário da escola.

A literatura infantil contribui para o crescimento emocional, cognitivo e para a identificação pessoal da criança, propiciando ao aluno a percepção de diferentes resoluções de problemas, despertando a criatividade, a autonomia e a criticidade, que são elementos necessários para a formação da criança de nossa sociedade atual. Para crianças pequenas, podem ser oferecidos livros que de fato sejam brinquedos, para que se crie uma relação prazerosa com seu manuseio. Nesse grupo, incluem-se livros de pano, de banho e outros em que o efeito lúdico é o principal. Geralmente esses livros são brinquedos que propiciam uma ambientação com o cotidiano infantil, uma vez que a leitura é um ato de base cultural muito forte.

Quando a criança já começa a dominar razoavelmente a fala, cresce a importância da figura adulta que conta histórias. O desejo por conhecer e até por ouvir várias vezes a mesma história precisa ser alimentado por um leitor. O papel desse adulto leitor é muito importante para gerar interesse pelas narrativas e suas ilustrações. Como consequência desse processo, o interesse por conhecer as letras e ler sozinho surge naturalmente na criança. Por conta disso, nesse período, os livros devem conter muitas imagens atrativas e de qualidade em consonância com texto em pequena proporção.

A finalidade do ensino da língua escrita não é apenas instrumental. Ele tem como principal objetivo expandir as possibilidades cognitivas do sujeito. Possuir um comportamento letrado significa saber comparar, confrontar, entender que toda resposta é incompleta e passível de transformação.

É fato que nem sempre o estímulo literário se dá pela leitura propriamente dita, mas também se utilizando de recursos visuais e auditivos que prendem a atenção da

criança. Segundo as informações obtidas no Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil – RCNEI:

Ler não é decifrar palavras. A leitura é um processo em que o leitor realiza um trabalho ativo de construção do significado do texto, apoiando-se em diferentes estratégias, como seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor e de tudo o que sabe sobre a linguagem escrita e o gênero em questão (Brasil, 1998, p. 15).

As dificuldades em argumentar fatos, a falta de vocabulário adequado, são fatores de obstáculos para quem não tem o hábito da leitura. Temos a noção clara que a leitura deve, sem dúvidas, fazer parte da vida das pessoas, independentemente de idade, sexo, cor ou classe social. Na escola, precisamos ter um conceito mais abrangente, agregando sempre bons livros, bons textos, sendo que deve ficar bem claro que a leitura está à nossa volta, no mundo, em todos os lugares: “Certamente aprendemos a ler a partir do nosso contexto pessoal. E temos que valorizá-lo para poder ir além dele” (Martins, 2003 p. 22).

Tendo em vista essa demanda social de sujeitos letrados e capazes de intervir, modificando a realidade em que se encontram, é que se reforça a necessidade de discutir novas práticas educativas dentro das escolas. Dentro desse complexo processo de construção intelectual da criança, o livro surge como uma ferramenta eficaz, oferecendo um vasto leque de atividades que, se bem planejadas pelo educador, promovem, de forma lúdica e prazerosa, o avanço no desenvolvimento da aprendizagem. Conforme Cagliari (2003, p. 48), “nessa perspectiva é essencial a vinculação da escola com as questões sociais e com os valores democráticos não só do ponto de vista da seleção e tratamento das leituras como também da própria organização escolar”.

Em seus primórdios, a literatura foi essencialmente fantástica. Nessa época, era inacessível à humanidade o conhecimento científico dos fenômenos da vida natural ou humana. Assim sendo, o pensamento mágico dominava em detrimento da lógica que conhecemos. A essa fase mágica, e já revelando preocupação crítica às relações humanas ao nível do social, correspondem as fábulas. Compreende-se, pois, por que essa literatura arcaica acabou se transformando em Literatura Infantil: a natureza mágica de sua matéria atrai espontaneamente as crianças.

Os contos de fadas podem ser decisivos para a formação da criança em relação a si mesma e ao mundo à sua volta. O maniqueísmo que divide as personagens em

boas e más, belas ou feias, poderosas ou fracas etc. facilita à criança a compreensão de certos valores básicos da conduta humana ou do convívio social. Tal dicotomia, se transmitida através de uma linguagem simbólica, e durante a infância, não será prejudicial à formação de sua consciência ética.

O que as crianças encontram nos contos de fadas são, na verdade, categorias de valores que são perenes. O que muda é apenas o conteúdo rotulado de bom ou mau, certo ou errado. A leitura ganha contornos lúdicos com a adição de canções, dramatizações e uso de fantoches. O mundo da literatura já é atrativo por despertar a capacidade de imaginação nos adultos; para as crianças e os adolescentes, ele é um convite à fantasia e à brincadeira. A criança vive em um mundo imaginário e a literatura combina com isso, a leitura passa a ser então um desafio gostoso (Ásia, 2008).

Definindo leitura, Cafiero (2005, p. 17) afirma que ela é um processo de construção de sentidos, ou seja, ao ler um texto, o indivíduo não está apenas realizando uma tradução literal daquilo que o autor do texto quer dizer, mas produzindo sentidos, em um contexto concreto de comunicação, partindo do material escrito que o autor fornece. Nesse contexto, o leitor busca na produção textual um ponto inicial, um conjunto de instruções, relacionando esses grupos de dados com as informações que já possui em seu conhecimento, com o que aprendeu em outras situações, outras leituras realizadas, produzindo sentidos e construindo coerência para o texto.

Considerando a importância da literatura na formação do indivíduo e no desenvolvimento da aprendizagem durante a infância, ressalta-se a diferenciação entre ela ser utilizada como instrumento de desenvolvimento da aprendizagem e como aparato para alfabetização, pois este último é o modo mais habitual trabalhado na escola. Portanto, a literatura infantil é uma ferramenta fundamental na constituição do leitor, mas quando utilizada de forma maçante e com o único intuito de alfabetizar, pode provocar sérios danos à formação do indivíduo e à sua capacidade de interpretação, seja literária, seja da leitura de mundo. Os conhecimentos das diversidades sociais e culturais são de suma importância na modelagem do indivíduo, conhecimentos que ele pode adquirir em contato com a literatura infantil.

Leitura é interação com a diversidade com objetivo de negociar o conhecimento apresentado pelo texto.

A leitura não é apenas uma das maiores experiências da vida escolar, é também uma questão de sobrevivência, pois o domínio dessa competência possibilita a aquisição de novos conhecimentos, como também uma melhor compreensão do mundo e favorece a inclusão do indivíduo na sociedade, conforme afirma professor Silva: ler em si não é viver, ler é conseguir o devido combustível de ideias para viver em sociedade (Silva *et al.*, 2013, p. 49).

Na atualidade, pode-se destacar que ocorre uma grande preocupação, por parte dos professores quanto à leitura de textos atrativos para seus alunos, sempre levando em consideração a faixa etária deles. Os professores alfabetizadores ainda se preocupam com a linguagem utilizada pelos livros, pois, pelo fato de as crianças não estarem alfabetizadas, alguns docentes sentem a necessidade de contar a história modificando certas palavras que julgam difíceis para as crianças compreenderem, como se a leitura do texto, na forma como ele está escrito, fosse incompreensível ou de difícil concentração para os pequenos. A leitura e o livro de literatura infantil estão presentes em todas as escolas e são uma ferramenta de aprendizagem a ser utilizada e explorada pelo professor a fim de enriquecer suas aulas e melhorar o aprendizado dos alunos.

2.2 ESTIMULANDO A LEITURA A PARTIR DA LITERATURA INFANTIL

A própria democratização da leitura tem de ser vista enquanto possibilidade de acesso a uma linguagem artística que é a literária. Criar, quando se lê literariamente um texto, significa se apropriar de uma linguagem artística em sua riqueza, em sua beleza, em suas possibilidades de ampliação de horizontes e de percepções diferenciadas de mundo. Nas palavras de Giacopini (2007):

A produção de literatura infantil no Brasil é relativamente recente, tendo seu surgimento efetivo nos arredores da Proclamação da República, período de grande turbulência política, econômica e social. O fortalecimento do novo governo requeria a imagem de um Brasil em modernização, no qual se defendia a substituição da mão de obra escrava e uma política econômica que favorecesse a produção cafeeira. No momento, era do interesse dos países já industrializados e da nascente industrialização brasileira a formação de um mercado interno através do favorecimento das camadas médias, consolidando um mercado de consumo (Giacopini, 2007, p. 35).

Ao analisar o cenário brasileiro, fica claro que as crianças possuem o acesso ao livro dificultado por uma conjunção de fatores sociais, econômicos e políticos. Inúmeras escolas não possuem bibliotecas escolares; ou, apesar de grande acervo,

não dispõem de exemplares adequados e/ou de profissionais aptos a orientar o público infantil no sentido de propiciar um contato agradável com os livros. Mais raras ainda são as bibliotecas domésticas. Os pais, quando se interessam em comprar livros, muitas vezes os escolhem pela capa por falta de uma orientação direcionada às preferências das crianças. É de extrema importância para os pais e educadores discutir o que é leitura, qual a contribuição do livro no processo de formação do leitor, bem como o ensino da literatura infantil como processo para o desenvolvimento do leitor crítico.

A leitura não se resume apenas à leitura obrigatória, aquela que é feita por indicação ou exigência do professor, mas deve ser vista também como uma atividade prazerosa que desperte a atenção e o prazer do leitor. O incentivo à leitura não é uma obrigação apenas da escola, pois essa iniciativa deve partir dos bibliotecários e também dos pais (Nunes; Santos, 2020, p. 9).

O leitor crítico diferencia-se dos leitores comuns pelo fato de buscar na leitura uma forma de crescimento e conhecimento. Aquele leitor não é mais movido pelo prazer da fruição apenas, mas vale-se da leitura como ferramenta de aprendizagem e superação de obstáculos. Ele permanece, conscientemente, em seu mundo durante a leitura e procura, através dela, compreender melhor a realidade de seu entorno (Fleck, 2019, p. 6).

Com relação à leitura e à literatura, pais e professores devem explorar a função educacional do texto literário: ficção e poesia por meio da seleção e análise de livros infantis; desenvolvimento do lúdico e do domínio da linguagem e trabalho com projetos de literatura infantil em sala de aula. Estratégias para o uso de textos infantis no aprendizado da leitura, interpretação e produção de textos também são exploradas com o intuito final de promover um ensino de qualidade, prazeroso e direcionado à criança.

Compreende-se que o domínio da linguagem surge do seu uso em variadas circunstâncias, nas quais as crianças podem perceber a função social que ela exerce e por meio dessas aquisições desenvolverem diferentes capacidades. Desse modo, a aprendizagem da linguagem oral e escrita é um elemento essencial para que ampliem suas possibilidades de inserção e participação em práticas sociais diversas (Teixeira, 2015, p. 19).

A leitura e o livro de literatura infantil estão presentes em todas as escolas e são uma ferramenta de aprendizagem a ser utilizada e explorada pelo professor a fim

de enriquecer suas aulas e melhorar o aprendizado dos alunos. Organizar um projeto referente ao letramento e ao livro infantil nas escolas é algo prazeroso a ser realizado e de fácil aplicação em todos os ambientes escolares e séries.

A leitura e a escrita possuem uma existência social. Desse modo, seus usos e funções não podem ser desconsiderados pela escola, pois alguém só aprende a ler e escrever porque entende para que e por que fazer isso. Gomes (2022, p. 7) indica que, para que o indivíduo (aluno) descubra as funções da língua escrita, é preciso criar situações em que a escrita seja usada funcionalmente, com finalidades que se assemelhem aos usos que lhe são atribuídos no dia a dia de uma sociedade letrada. Assim, mais do que ler, é necessário leiturizar, ou seja, compreender o processo de alfabetização a partir de usos e valores da leitura e da escrita. Propõe-se, entretanto, deixar a criança fascinada pela leitura e pela escrita, a fim de que, como leitor e como escritor, possa escrever e exercer com maior plenitude seus direitos e deveres de cidadão.

É importante explorar as atividades que envolvem leitura e escrita de maneira lúdica, procurando focar os atos de ler e escrever como essenciais no processo de comunicação entre as pessoas. Nesse momento, como elucida Roussenu (2008, p. 77), o professor pode levar seus pupilos a observar aspectos referentes à organização da escrita, como o fato de que escrevemos da esquerda para a direita e de cima para baixo.

De acordo com Marcuschi (1995),

[...] em todas as sociedades letradas, aqueles que têm acesso à escrita podem desenvolver quatro habilidades no uso da linguagem: falar e escrever, ouvir e ler. [...] Se por um lado falar e escrever são duas formas de manifestação do uso produtivo e criativo da linguagem por outro, ouvir e ler não são simples manifestações de um uso reprodutivo e passivo da linguagem. Falar e escrever, ouvir e ler, são ações igualmente e a seu modo ativas, produtivas e criativas. Em consequência, parece claro que considerar os processos de produção e recepção de textos como essencialmente independentes é mal compreender o funcionamento comunicativo da língua (Marcuschi, 1995, p. 38-57).

Promover o encontro das crianças com o texto literário, desde o início do processo de alfabetização, constitui um desafio tanto para quem se propõe como para quem se dispõe. A alfabetização, a leitura e a produção textual têm sido alvos de grandes discussões por parte dos estudiosos da educação. Há muitos anos se observam algumas dificuldades de aprendizagem e altos índices de reprovação e

evasão escolar. Dentre as questões mais focalizadas, destaca-se o ensino da língua materna. Muitos cidadãos apresentam dificuldades, mesmo após anos de escola, para escrever um texto coeso e coerente – isso acaba culminando na insegurança linguística. Conforme Soares:

O processo de alfabetização e letramento deve-se iniciar na educação infantil, fase em que a criança conhece o mundo da decodificação das primeiras palavras e da escrita. A alfabetização refere-se ao processo de aprendizagem da leitura e da escrita. Já o letramento relaciona-se às práticas e habilidades de uso da leitura e da escrita, levando o indivíduo a adquirir benefícios e a envolver-se no meio social e cultural (Soares, 1999, p. 36).

Quando a criança já começa a dominar razoavelmente a fala, cresce a importância da figura adulta que conta histórias. O desejo por conhecer e até por ouvir várias vezes a mesma história precisa ser alimentado por um leitor. O papel desse adulto leitor é muito importante para gerar interesse pelas narrativas e suas ilustrações. Como consequência desse processo, o interesse por conhecer as letras e ler sozinho surge naturalmente. Por conta disso, nesse período, os livros devem conter muitas imagens atrativas e de qualidade em consonância com texto em pequena proporção. Com o crescimento da criança e o nível de concentração apresentado por ela, pode-se ampliar o tamanho do texto em relação à quantidade das ilustrações. Nessa fase, a criatividade é importantíssima e devem ser usados fantoches, máscaras, fantasias, objetos caracterizadores para que, de fato, se viva a história. Nesse momento, pode-se também inserir teatro na realidade infantil, mas sempre com pequena duração devido ao nível de concentração infantil

Um dos primeiros contatos com a linguagem e a escrita se dá por meio da contação de histórias, de ouvir, de imaginar e de reproduzir uma nova história a partir do que se ouviu e do que se leu. Para Soares:

A função primordial da escola seria, para grande parte dos educadores, propiciar aos alunos caminhos para que eles aprendam, de forma consciente e consistente, os mecanismos de apropriação de conhecimentos. Assim como a de possibilitar que os alunos atuem, criticamente em seu espaço social. Essa também é a nossa perspectiva de trabalho, pois, uma escola transformadora é a que está consciente de seu papel político na luta contra as desigualdades sociais e assume a responsabilidade de um ensino eficiente para capacitar seus alunos na conquista da participação cultural e na reivindicação social (Soares, 2017, p. 92).

De acordo com Dias (2001), nossa tarefa, como educadores, seria abordar os mais variados tipos de textos em sala de aula, analisando as semelhanças e diferenças, a estrutura textual de cada um, o vocabulário utilizado, buscando incentivar a leitura, a interpretação e a produção pelos próprios alunos.

Na concepção de Vygotsky, a linguagem tem como objetivo principal a comunicação, sendo socialmente construída e transmitida culturalmente. Portanto, o sentido da palavra instaura-se no contexto, aparece no diálogo e altera-se historicamente, produzindo formas linguísticas e atos sociais. Nas palavras de Vygotsky (1988, p. 73), “a transmissão racional e intencional de experiência e pensamento a outros requer um sistema mediador, cujo protótipo é a fala humana, oriunda da necessidade de intercâmbio durante o trabalho”.

Aduz Cagliari (2003) assinala que muitas das abordagens escolares derivam de concepções de ensino e aprendizagem da palavra escrita que reduzem o processo da alfabetização e de leitura à simples decodificação dos símbolos linguísticos. A escola transmite uma concepção de que a escrita é a transcrição da oralidade.

De acordo com Kleimann (2007), há amplas possibilidades de aprendizagem que a criança desenvolve quando há interação com histórias de literatura infantil, vejamos algumas: articulação das diferentes linguagens; ampliação do conhecimento de mundo da criança; desenvolvimento da criatividade; atribuição de sentidos a outras formas de linguagem; desenvolvimento do gosto pela leitura (prazer de ler); vivência de aventuras ainda não vividas na realidade; criação de mundos novos, povoados de sonhos e fantasias; estabelecimento de relações entre o real e o não-real; desenvolvimento da apreciação estética e valorativa; exercício da leitura em vários níveis (sensorial, emocional e racional); formação do leitor.

Todos os fatores envolvidos no exercício da contação de histórias acabam por despertar, no futuro, o interesse pela literatura de uma forma geral. Como salienta Nascimento:

A literatura é uma das produções humanas mais importantes para a formação do indivíduo, pois sua matéria é a palavra, o pensamento e as ideias, exatamente aquilo que define a especificidade do ser humano. A criança deve ter acesso à literatura, associando e harmonizando a fantasia e a realidade, a fim de satisfazer suas exigências internas e desejos imaginários. A proposta da literatura infantil é que seja desenvolvida a emoção, a sensibilidade, a imaginação e a fantasia da criança (Nascimento, 2006, p. 15).

Os livros de histórias infantis não devem ser usados apenas como pretexto para ensinar outros pontos da matéria; isso torna a escola destinatária privilegiada da produção desses textos. A importância da escola para o desenvolvimento da literatura infantil no período deve-se ao seu fortalecimento enquanto instituição e às campanhas de escolarização (com aumento de vagas, principalmente primárias).

Segundo Pellegrini (2001), como a literatura infantil prescinde do imaginário das crianças, sua importância se dá a partir do momento em que elas tomam contato oralmente com as histórias, e não somente quando se tornam leitores. Desde muito cedo, então, a literatura torna-se uma ponte entre histórias e imaginação, já que “é ouvindo histórias que se pode sentir... e enxergar com os olhos do imaginário... abrir as portas à compreensão do mundo” (Pellegrini, 2001, p. 39).

Quando a criança já começa a dominar razoavelmente a fala, cresce a importância da figura adulta que conta histórias. O desejo por conhecer e até por ouvir várias vezes a mesma história precisa ser alimentado por um mediador. O papel desse adulto leitor é fundamental para gerar interesse pelas narrativas e suas ilustrações.

O principal destaque é o incentivo à leitura, o despertar nos alunos o gosto pelo aprendizado através das letras e imagens contidas nos livros de literatura, revistas, jornais, gibis, e outros recursos que a escola possa disponibilizar. Os livros infantis devem ser apresentados à criança no cotidiano da escola, sendo que o professor poderá utilizar-se de vários recursos para introduzi-los no ambiente de sala de aula, ou seja, no ambiente de ensino-aprendizagem de sua turma.

2.3 PANORAMA DA LITERATURA INFANTIL BRASILEIRA

O livro infantil brasileiro, na sua gênese, possui intenção claramente pedagógica, pois são os livros de leitura usados nas escolas a primeira manifestação consciente da produção de literatura específica para crianças. Por isso, nem sempre será possível estabelecer uma separação nítida entre os livros de entretenimento puro e os de leitura para a aquisição de conhecimentos nas escolas durante o século passado. Percebe-se que a literatura infantil propriamente dita partiu do livro escolar, do livro útil e funcional, de objetivo eminentemente didático.

Devido às grandes mudanças sociais, políticas e religiosas do período compreendido entre 1880 e 1910 e à preocupação em transmitir uma ideia de país em modernização, muitos valores dessa sociedade foram passados adiante através dos

livros infantis. Assim, esses levaram até o leitor muitas características em comum, centradas na ideia de civismo, tendo uma missão formadora e patriótica para as crianças. Em estudo histórico desse período, Lajolo (2007) destaca como principais temas abordados nesses livros:

1) Nacionalismo: em função da necessidade das classes dominantes de difundir entre a classe média imagens da grandeza e modernidade do país. Isso acontece de três formas principais:

a) exaltação da natureza: as belezas naturais do país, o amor à terra que é extremamente fértil, idealização da vida rural.

b) exaltação dos vultos e história do Brasil: origens, história e os grandes homens do país.

c) exaltação da língua: preocupação e culto da língua nacional, apuro na linguagem expondo as crianças a bons textos, daí também o culto de grandes autores e grandes obras.

2) Intelectualismo: além da valorização dos grandes autores como modelo de língua, também era enaltecido como modelo de cultura a ser imitada; o livro e o estudo eram extremamente apreciados como meios essenciais de realização social; a escola ocupa papel de grande importância nas histórias.

3) Moralismo e religiosidade: valores que todo bom cidadão deveria ter como honestidade, bondade, respeito aos mais velhos, cumprir os deveres, caráter reto, obediência aos preceitos cristãos, caridade, dedicação ao trabalho e à família etc. (Lajolo, 2007, p. 3).

O primeiro contato deles com um texto é realizado oralmente, quando o pai, a mãe, os avós ou outra pessoa conta-lhes os mais diversos tipos de histórias. A preferida, nesta fase, é a da sua vida. À medida que crescem, já são capazes de escolher a narrativa que querem ouvir, ou a parte que mais lhes agrada. É nessa fase que as ficções vão se tornando aos poucos mais extensas, mais detalhadas.

No entanto, nem sempre se atribui à literatura infantil a importância merecida. Muitas vezes ela é apenas utilizada como pretexto educativo para o ensino da língua portuguesa e de suas normas. Ou, ao contrário, não se explora a literatura enquanto produto letrado, dando ao processo de ler apenas o brilho do lúdico e da brincadeira.

Segundo Bettelheim (1980, p. 29), “a fantasia facilita a compreensão das crianças, pois se aproxima mais da maneira como veem o mundo, já que ainda são incapazes de compreender respostas realistas”. Não se deve esquecer que as

crianças dão vida a tudo. Para elas, o sol é vivo, a lua é viva, assim como todos os outros elementos do mundo, da natureza e da vida.

A infância é o período no qual muitos conceitos se formam. Justamente por isso o uso da literatura infantil, como parte integrante do processo de letramento, é muito importante, e seus usos são crescentes na educação formal brasileira. Isso porque a educação contemporânea prevê que, unindo literatura e letramento, a criança entraria em contato com o mundo letrado não só ampliando seu vocabulário e proporcionando maior conhecimento da formação de textos, mas também exercitando o poder de sua imaginação. Mortatti ressalta que o fenômeno do letramento

[...] está diretamente relacionado com a língua escrita e seu lugar, suas funções e seus usos nas sociedades letradas, ou, mais especificamente, grafocêntricas, isto é, sociedades organizadas em torno de um sistema de escrita e em que esta, sobretudo por meio do texto escrito e impresso, assume importância central na vida das pessoas e em suas relações com os outros e com o mundo em que vivem (Mortatti, 2004, p. 58).

Sendo assim, entende-se que alfabetizar não é somente desenvolver no educando a capacidade de associar e reconhecer um código, mas sim possibilitar sua inserção em um universo que lhe permitirá decifrar o mundo e arrecadar bagagem para compreender e posicionar-se na sociedade.

Nessa contextualização, a leitura não deve ser concebida como um processo de decodificação por envolver muito mais do que apenas aspectos de decodificação do escrito. Ela proporciona ao leitor o contato com o seu significado conforme seu conhecimento de mundo, possibilitando, assim, afirmar que todos, ao lerem o mesmo conteúdo, obterão compreensão e interpretação de forma diversificada ao interagir com o texto. O leitor realiza o processo de maneira ativa, enriquecendo a leitura que se propõe a fazer e que contribuirá com seu saber (Krug, 2015, p. 4).

O professor alfabetizador será também o principal motivador da criança em sua primeira fase de aprendizagem. Por isso, deve estar sempre atento às mudanças e à formação continuada, tendo segurança e competência para escolher corretamente a maneira como deve ensinar seus alunos a ler e compreender as leituras. Desse modo, fará com que o processo de aprendizagem aconteça de forma natural, sem frustrações, uma vez que a aprendizagem da leitura e da escrita compreende, necessariamente, a alfabetização.

Diagnosticar o nível de conhecimento dos alunos antes do processo de alfabetização é uma condição indispensável ao sucesso do procedimento, segundo Emília Ferreira (1999). Ao identificar em qual etapa do processo o educando se encontra, os conhecimentos que eles já trazem e o seu repertório de vida, o educador tem condição de melhor selecionar suas estratégias de ensino, aplicando metodologia eficaz e eficiente através da promoção de práticas sociais da leitura e da escrita.

Foi criado na década de 1990, pelo Ministério da Educação, o Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica (SAEB), com a missão de verificar o nível de aprendizagem dos alunos no final dos ciclos da escolaridade, fornecendo importantes informações sobre o desenvolvimento dos estudantes. Segundo o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP):

Ler é uma atividade complexa que faz amplas solicitações ao intelecto e às habilidades cognitivas superiores da mente: reconhecer, identificar, agrupar, associar, relacionar, generalizar, abstrair, comparar, deduzir, inferir, hierarquizar. Não está em pauta apenas a simples decodificação, mas a apreensão de informações explícitas e implícitas e de sentidos subjacentes, e a construção de sentidos que dependem de conhecimentos prévios a respeito da língua, dos gêneros, das práticas sociais de interação, dos estilos, das diversas formas de organização textual. [...] Os testes de Língua Portuguesa do Saeb, cujo foco é a leitura, têm por objetivo verificar se os alunos são capazes de apreender o texto como construção de conhecimento em diferentes níveis de compreensão, análise e interpretação. A alternativa por esse foco parte da proposição de que, “ser competente no uso da língua significa saber interagir, por meio de textos, em qualquer situação de comunicação” (INEP, 1997, p. 53).

Os educadores sabem que alfabetizar é uma tarefa difícil e sujeita às influências de inúmeras variáveis, tais como fatores pedagógicos, psicológicos, sociais, linguísticos e outros que não se relevam, explicitamente, porém somatizam na totalidade do processo, tornando-se favorável seu estudo numa perspectiva científica. Quando a alfabetização de crianças é pensada, torna-se impossível deixar de lado o mundo infantil, mundo esse caracterizado pelo brincar, imaginar, sonhar e, nesta viagem, a criança idealiza um mundo construído sob o olhar da inocência, visto que a realidade da vida cotidiana, em muitos casos, ainda não foi apreendida claramente por ela.

Nesse cenário, e dentre diversas ferramentas que o professor pode explorar com a finalidade de alfabetizar, a literatura infantil surge como um dos recursos mais completos e que desperta o interesse e o prazer no aluno de aprender.

A literatura infantil não existiu desde sempre e só se tornou possível a partir do nascimento da infância como instituição, no início da Idade Moderna – ainda que como construção histórica implica perceber que cada época encara a criança sob uma ótica distinta. Zilberman (1984, p. 51) salienta que “as histórias infantis são uma espécie de teoria especulativa além da atividade imediata social e individual da criança”. Meireles (1984) corrobora com a afirmação de Zilberman lembrando que:

[...] não se pode pensar numa infância a começar logo com a gramática e retórica: narrativas orais cercam a criança da Antiguidade, como as de hoje. Assim “mitos, fábulas, lendas, teogonia, aventuras, poesia, teatro, festas populares, jogos e representações variadas” ocupam “no passado, o lugar que hoje concedemos ao livro infantil” (Meireles, 1984, p. 62).

Na fase inicial de alfabetização, ganham destaque a palavra e as construções frasais. Brincar com a linguagem e com seus recursos estimula o processo de alfabetização. Nesse momento, a poesia se mostra como uma excelente fonte de textos, bem como os trava-línguas. Construir e desconstruir palavras em suas sílabas e brincar com novas combinações de vocábulos são atividades que podem interferir significativamente na formação do futuro leitor autônomo.

O fato de a criança ter ingressado na escola não significa que a responsabilidade dos pais no incentivo à leitura de seus filhos tenha acabado. Se a leitura não fizer parte do cotidiano familiar, fica mais difícil que a escola dê conta de seduzir os alunos para o universo mágico da leitura.

Como a literatura infantil prescinde do imaginário das crianças, sua importância se dá a partir do momento em que elas tomam contato oralmente com as histórias, e não somente quando se tornam leitores. Desde muito cedo, então, a literatura torna-se uma ponte entre histórias e imaginação.

Cristiane Oliveira (2008) categoriza da seguinte forma os livros infantis e as faixas etárias:

Quadro 1 – Livros infantis e as faixas etárias

Faixa etária	Textos	Ilustrações	Materiais
1 a 2 anos	As histórias devem ser rápidas e curtas.	Uma gravura em cada página, mostrando coisas simples e atrativas visualmente.	Livros de pano, madeira e plástico. É recomendado o uso de fantoches.
2 a 3 anos	As histórias devem ser rápidas, com pouco texto de um enredo simples e vivo, poucos personagens, aproximando-se, ao máximo, das vivências da criança.	Gravuras grandes e com poucos detalhes.	Os fantoches continuam sendo o material mais adequado. Música também exerce um grande fascínio sobre a criança.
3 a 6 anos	Os livros adequados a essa fase devem propor vivências radicadas no cotidiano familiar da criança.	Predomínio absoluto da imagem, sem texto escrito ou com textos brevíssimos.	Livros com dobraduras simples. Outro recurso é a transformação do contador de histórias com roupas e objetos característicos. A criança acredita, realmente, que o contador de histórias se transformou no personagem ao colocar uma máscara.
6 ou 7 anos (fase de alfabetização)	Trabalho com figuras de linguagem que explorem o som das palavras. Estruturas frasais mais simples sem longas construções. Ampliação das temáticas com personagens inseridas na coletividade, favorecendo a socialização, sobretudo na escola.	Ilustração deve integrar-se ao texto a fim de instigar o interesse pela leitura. Uso de letras ilustradas, palavras com estrutura dimensional diferenciada e explorando caráter pictórico.	Excelente momento para inserir poesia, pois brinca com palavras, sílabas, sons. Apoio de instrumentos musicais ou outros objetos que produzam sons. Materiais como massinha, tintas, lápis de cor ou cera podem ser usados para ilustrar textos.

Fonte: Oliveira (2008, p. 3).

O texto literário é uma produção de arte e, por isso, sua leitura vai tornar o leitor também um criador. A própria democratização da leitura tem de ser vista enquanto possibilidade de acesso a uma linguagem artística que é a literária. Criar, quando se lê literariamente um texto, significa se apropriar de uma linguagem artística em sua riqueza, em sua beleza, em suas possibilidades de ampliação de horizontes e de percepções diferenciadas de mundo.

Já é ponto pacífico que a literatura infantil surge como alternativa no processo de alfabetização por revestir de lúdico esse fenômeno, ao passo que amplia o conhecimento e a linguagem do infante, que, a partir do livro, começa a entender a escrita como um código para expressar emoções e ideias que não são alheias à sua realidade.

Como já foi citado anteriormente, ler transcende a atividade de apenas decifrar palavras. A melhor maneira de transformar crianças em leitores é colocá-las em contato com muitos materiais impressos de diferentes gêneros, que possibilitem que os indivíduos comparem, discutam e classifiquem o material escrito, enquanto o professor auxilia na descoberta, interferindo. Essa atividade é válida, pois a criança vai assimilando as diferentes finalidades e empregos da escrita. Os RCNEI sugerem que:

[...] os professores deverão organizar a sua prática de forma a promover em seus alunos: o interesse pela leitura de histórias; a familiaridade com a escrita por meio da participação em situações de contato cotidiano com livros, revistas, histórias em quadrinhos; escutar textos lidos, apreciando a leitura feita pelo professor; escolher os livros para ler e apreciar. Isto se fará possível trabalhando conteúdos que privilegiem a participação dos alunos em situações de leitura de diferentes gêneros feita pelos adultos, como contos, poemas, parlendas, trava-línguas, etc. propiciar momentos de reconto de histórias conhecidas com aproximação às características da história original no que se refere à descrição de personagens, cenários e objetos, com ou sem a ajuda do professor (RCNEI, 1998, p. 125).

Beatriz Vichessi (2010, p. 26) explana que “fazer a turma entrar em contato com textos antes de saber ler e escrever convencionalmente é uma das premissas da alfabetização que favorece reflexões sobre o processo de escrita e o conhecimento de seus usos e funções”. O que se percebe é que a literatura, bem como toda a cultura criadora e questionadora, não está sendo explorada como deve nas escolas, e isso ocorre em grande parte pela alta quantidade de trabalho dos professores em sala de aula.

3 LEITOR LITERÁRIO E A BIBLIOTECA ESCOLAR

Uma das funções primordiais da escola é formar indivíduos leitores. Nesse sentido, ela precisa criar oportunidades e possibilidades para que o aluno tome gosto pela leitura. Para desenvolver leitores competentes, a escola deveria possibilitar o acesso das crianças a diversos tipos de materiais a fim de estimular os leitores em formação.

Silva (2009) realizou estudos que distinguem três formas de leitura: a leitura mecânica, leitura do mundo e leitura crítica. Define-se a leitura mecânica como a habilidade de decifrar códigos e sinais; por outro lado, a leitura do mundo é um processo continuado, que começa no berço e só se encerra no leito de morte. Por fim, a leitura crítica alia a leitura mecânica à leitura do mundo e, de forma avaliativa, compara a leitura do momento com outras já feitas, tendo a capacidade de estimular o leitor a questionar e tirar conclusões. A leitura oferece vários benefícios ao leitor, tais como: melhor expressividade, a ampliação do vocabulário, a aquisição de novos saberes e a construção do conhecimento.

Espera-se que a formação de um leitor aconteça no ambiente escolar, porque é um local privilegiado de trabalho onde se partilha conhecimento. Segundo Queiroz e Tavares (2018), “a aprendizagem de ser leitor começa com ouvir alguém contar histórias na infância. Essa etapa é muito importante para a formação do homem, pois ser leitor é compreender não só as histórias escritas como os acontecimentos do seu cotidiano” (Queiroz; Tavares, 2018, p. 116).

A falta de incentivos de leitura no ambiente familiar delega à escola uma obrigação ainda maior: a de valer-se de estratégias de leitura reunindo as mais diversas técnicas e métodos que possibilitem a aprendizagem da criança. Na Educação Infantil, os educadores se valem de contos literários destinadas ao público infantil. Na visão de Vieira e Costa (2018): “Na Educação Infantil a apresentação da leitura deve vir acompanhada de entusiasmo pelo professor, e este, deve em todas as suas interfaces oportunizar também o envolvimento da família e escola” (Vieira; Costa, 2018, p. 5).

Os espaços escolares destinados à leitura deveriam ser encarados, em todas as instituições escolares, como algo essencial, pois, da mesma forma que não existe escola sem sala de aula, não deve existir escola sem um local apropriado para a leitura, seja este ambiente a biblioteca ou o cantinho de leitura. Esses locais são de

extrema importância para os alunos, pois será neles que muitos terão seu primeiro contato com o livro.

Tendo isso em vista, um local que deve estar presente em todas as instituições de ensino é a biblioteca escolar, pois, como afirmam Côrte e Bandeira (2011, p. 8), “[...] é um espaço de estudo e construção do conhecimento, [que] coopera com a dinâmica da escola, desperta interesse intelectual, favorece o enriquecimento cultural e incentiva a formação do hábito da leitura”. Ou seja, é um ambiente que promove a formação dos saberes por meio de pesquisas, é onde os alunos encontrarão tudo o que necessitam para sua formação acadêmica e crítica por meio da leitura. Conforme os autores:

A matéria prima da biblioteca escolar, em qualquer um dos papéis que desempenha, é a informação, a qual está intimamente ligada à geração e construção do conhecimento e é a responsável direta pela formação profissional do aluno. O conhecimento adquirido na biblioteca escolar o acompanhará durante toda vida (Côrte; Bandeira, 2011, p. 6).

Para reforçar a afirmação acima, Gonzaga (2017, p. 55) deixa claro que “é preciso reconhecer que a biblioteca escolar é parte integrante do processo educativo, sendo essencial a qualquer tipo de estratégia de longo prazo, no tocante ao aprimoramento da leitura e da escrita [...]”. Desse modo, a biblioteca é um ambiente muito importante para as escolas, pois exerce função no processo de ensino e aprendizagem dos estudantes e auxilia o professor como instrumento de estratégias educacionais para a formação leitora.

A criança que encontra na escola um ambiente de leituras e leitores receberá daí o estímulo decisivo para a caminhada rumo à sua formação como leitor crítico ao longo da vida. Na escola, os projetos de incentivos à leitura, as rodas de contos, o compartilhamento de experiências de leitura, as trocas de livros, os momentos de investigação e as aulas de leitura são oportunidades singulares que levam tanto à formação do hábito como a quem os cobre.

Um outro espaço que pode estar presente no âmbito escolar é o cantinho da leitura, que, segundo Rizzo (2005, p. 76), é “[...] um canto da sala [...] reservado à exposição de livros de histórias, que [alunos] deverão poder manusear à vontade”. Sendo assim, o cantinho reservado à leitura é um espaço presente na sala de aula ou fora dela com intuito de estimular no estudante o hábito de ler. Com isso, entre um

intervalo de uma atividade e outra, o discente tem a oportunidade de apreciar um bom momento de leitura em um espaço adequado.

Enfim, o ato de ler traz novas perspectivas que impulsionam a escola e os docentes a promover condições que favoreçam o afloramento de bons leitores, seduzidos por um leque de opções que os levaram a outros mundos. É de suma importância, também, que a comunidade escolar perceba a necessidade de transformar o ato de ler em um processo significativo para que os educandos possam não apenas decodificar a palavra escrita, mas sim, sejam capazes de fazer a leitura do mundo através da leitura da palavra.

Ao sistema educacional cabe, por excelência, o papel de formar leitores capacitados para estabelecer a leitura crítica do mundo. A sociedade pode e deve participar dessa tarefa. Contudo, é no espaço institucional da escola onde o processo de leitura precisa ser instaurado e conduzido para transformar-se em um ato crítico de reflexão ao longo da caminhada da formação leitora. Conforme defende Silva (2005),

[...] a leitura – como atividade vinculada à consciência crítica do mundo, do contexto histórico-social em que o aluno está inserido – precisa ser praticada em sala de aula. O papel da escola é o de formar leitores críticos e autônomos capazes de desenvolver uma leitura crítica do mundo. Contudo, esta noção parece perder-se diante de outras concepções que ainda orientam as práticas escolares (Silva, 2005, p. 16).

A formação do leitor é muito importante para que esse faça uso da leitura de forma prazerosa e não obrigatória, o que irá auxiliá-lo em sua formação pessoal e intelectual, ampliando sua participação social e permitindo que ele exerça sua cidadania. Para que isso ocorra, a prática da leitura literária dentro das escolas deve estar sempre presente. É preciso incentivar esse hábito para que os estudantes desenvolvam esse costume. Zilberman (2008, p. 16) aponta que: “atualmente não mais compete ao ensino da literatura a transmissão de um patrimônio já constituído e consagrado, mas a responsabilidade pela formação do leitor”.

O leitor iniciante necessita de um incentivador inundado pela magia da literatura para que possa repassar esse amor que sente pela leitura para os demais, já que ensinamos e educamos através do exemplo, seja ele positivo ou não. Quando o contato com o mundo literário se mostra positivo, a tendência do receptor é seguir esse passo com a mesma motivação que percebeu, afinal, a leitura literária precisa

estar presente na vida de todos para que seja possível sentir, viver, experienciar essa prática que amplia a visão de mundo, que permite ter sensações a respeito de algo. Enfim, o prazer de ler é sentido apenas por aqueles que se entregam à leitura. Segundo Kleiman (2013):

Ler é uma prática social que se interliga a outros textos e outras leituras, ou seja, a leitura de um texto pressupõe em ações conjuntas de valores, crenças e atitudes que refletem o grupo social em que as pessoas estão inseridas. A leitura não é apenas o entendimento de um leitor inserido na cultura letrada, mas uma relação de aspectos sociais e culturais que perpassam pela atividade intelectual em que o leitor utiliza diversas estratégias baseadas em seu conhecimento linguístico, sociocultural e enciclopédico (Kleiman, 2013, p. 16-17).

A leitura é como uma prática social que pressupõe ações conjuntas de valores, atitudes e crenças refletidas no grupo social em que as pessoas estão inseridas. Ler pressupõe os conhecimentos permeantes da compreensão e significados das palavras nos contextos variados de comunicação. Ao conectar conhecimentos ao ato da leitura, repassam-se os níveis linguísticos, textuais e do mundo durante o processo de compreensão.

A leitura do texto literário torna o mundo e suas relações mais compreensíveis, principalmente para as crianças, por não possuírem ainda uma vivência mais aprofundada e uma significativa bagagem das diversas esferas da vida humana. Assim, a criança, pelas características de sensibilidade que são próprias a essa fase do desenvolvimento, identifica-se com a literatura, frente à arte literária (Fleck, 2019, p. 15-16).

Outro fator importante na trajetória de ser um leitor é o fato de que alguns abandonam esse hábito ao encerrarem o período escolar, deixando de frequentar a biblioteca, esquecendo de sua real importância, ou seja, dos corredores de estantes com infinitas possibilidades de viagens que poderiam ficar marcadas na memória e lembrando dela como se fossem somente um instrumento de pesquisa das tarefas escolares. Para Petit (2008, p. 170), “na realidade é complicado entender o que facilita a passagem para usos mais ‘autônomos’, que não sejam apenas induzidos pela demanda escolar, mas em que o gosto da descoberta tome parte ativa”.

O gosto pela literatura deve permanecer sempre vivo, assim, todos temos essa responsabilidade para com a humanidade, afinal, o benefício de uma sociedade formada por leitores ativos é um bem compartilhado para um futuro mais forte,

igualitário, tolerante e com críticos sábios atuantes no convívio social. Dentro desse aspecto, o incentivo deveria estar presente em todos os momentos, bem como a instrução para uma boa leitura e a receptividade nas dúvidas ao ingressar nesse mundo fantasioso, multiplicando as oportunidades de leitura.

Segundo Geraldini (2004, p. 97), o ponto primordial para o sucesso do incentivo à leitura seria recuperar e trazer para dentro da escola o prazer de ler e o respeito às leituras anteriores do aluno. Até mesmo os professores não começaram sua trajetória como leitores de obras clássicas. Segundo o mesmo autor, “não há leitura qualitativa no leitor de um livro” (p. 99), o que significa que os professores devem propiciar aos alunos um maior número de leituras, ainda que a interlocução que o aluno faça hoje não seja a esperada pelos docentes.

O estudo que aqui se propõe buscará traçar o perfil do leitor de um ponto de vista geral, considerando o que os indivíduos gostam de ler nas suas diferentes fases etárias, bem como os gostos voltados para realidade onde estão inseridos. Os dados serão obtidos através dos estudos de diversas publicações sobre o tema literatura e a sua relevância na formação dos estudantes. Com isso, objetiva-se desenvolver estratégias que estimulem a leitura literária, o que vai além do ambiente da escola, acompanhando cada indivíduo no seu cotidiano.

Ao coletar os dados dentro do ambiente da escola rural de Vacaria, pretende-se traçar um perfil específico dessa população, evidenciando-se os gostos literários e como o hábito de ler vai mudando, conforme a criança amadurece e atinge a adolescência. Para trabalhar o presente tema, serão utilizados os estudos realizados por Dall Agnol (2021), Kleiman (2004), Iser (1980), Leal (2005), Britto (2015), Rocco (2013), Amato e Garcia (1988) e Petit (2008).

3.1 A LEITURA LITERÁRIA E O LEITOR

Em estudo feito por Samira Dall Agnol (2021, p. 31), relata-se a relevância do ler, do hábito da leitura rotineira. Para a autora, ler demanda compromisso, envolve comunhão, pede entrega. A conexão pode ou não ser imediata, entretanto, envolverá empenho físico, intelectual e emocional. Ler é, sem dúvida, permitir-se um tempo, é satisfazer um desejo, é criar um espaço cognitivo para si no intuito de encontrar o outro, mesmo que esse outro seja apenas uma nova versão do próprio leitor descobrindo-se no e pelo texto.

Kleiman (1995) focaliza a leitura como um processo psicológico no qual o leitor faz uso de diferentes estratégias embasadas no conhecimento prévio da língua e da realidade. A utilização de diversas estratégias exige a mobilização e a integração de vários tipos de conhecimento, fazendo com que o leitor interaja com o texto por meio de inferências, analogias, sínteses e análises, entre outras.

A leitura literária é uma construção de ilusões, apesar de não afastar o leitor da realidade. Pelo contrário, o induz a conhecê-la, a questioná-la e a refletir sobre ela. A formação de ilusões durante a leitura permite que o mundo não-familiar do texto se torne conhecido aos poucos, através da construção de inferências, da criação de hipóteses e do estabelecimento de relações. Além disso, a memória e a percepção estão essencialmente envolvidas no processo de leitura. Isso explica as razões pelas quais o leitor se sente frequentemente envolvido em eventos narrados. A mente humana tende a mesclar o que foi vivido ou lido, e essas memórias ficarão registradas no mesmo local. Dessa forma, o leitor é encorajado a revelar-se a fim de experimentar uma realidade que não é a sua (Dall Agnol, 2021, p. 54-55).

A obra literária possui dois polos: o artístico, que é representado pelo texto elaborado pelo autor; e o outro, estético, que é a concretização do texto através do ato de ler do leitor empírico. Entretanto, como o processo de concretização do texto está vinculado às condições do leitor, o texto literário realiza-se na convergência do texto com o leitor, ou seja, ao invés de definir o que significa determinado texto, explora-se o que acontece com o leitor no ato da leitura. Segundo Iser (1980), a interpretação realça a evidência do potencial de sentidos e efeitos atualizados no texto literário.

A leitura é capaz de transformar a vida do indivíduo. Cabe ao professor, principal mediador do conhecimento, instigar o aluno na prática da leitura, levando-o a atribuir significados aos textos lidos, de modo que este venha a se tornar um adulto leitor. Para Kleiman (2004):

[...] identificar o contexto linguístico do texto é importante para que seja ensinada e aprendida a habilidade de inferência lexical, que facilitaria a leitura do aluno quando se deparasse com um léxico desconhecido, principalmente em um texto literário. A fim de evitar a dependência do uso do dicionário e o estacionamento na leitura por não se reconhecer de imediato uma ou mais palavras, o ensino de estratégias de inferência lexical e o reconhecimento de pistas linguísticas através de palavras-chave torna o leitor mais ágil na leitura (Kleiman, 2004, p. 54).

Na produção cultural para criança, em especial, e na produção literária para o público em idade escolar e a sua conseqüente escolarização, fica evidente a necessidade da presença do orientador enquanto mediador do processo de iniciação do leitor-criança.

Quanto mais evidente ficar para ele a importância da leitura literária como poderosa fonte de formação de sensibilidades e de ampliação de nossa visão de mundo, que tem nesta linguagem artística um componente essencial de formação, culturalmente valorizado, mais significativas se tornarão as práticas de letramento literário propostas. Isso tudo se, primeiro, o professor se conhecer enquanto sujeito leitor e souber dimensionar suas práticas de leitura, especialmente a literária. Sendo assim, o seu repertório de leituras, sua capacidade de análise crítica dos textos e suas escolhas adequadas à idade e aos interesses de seus alunos já representarão um sólido e definitivo ponto de partida.

Observa-se, porém, que, para se conseguir que os alunos sejam leitores críticos, a metodologia de ensino deve colocar o texto como uma possibilidade de reflexão e recriação, associando a atividade de leitura à produção de outros textos pelos alunos e facilitando a expressão de suas visões sobre o texto.

O sujeito da experiência de leitura literária é o leitor que se permite expor ao texto e se transformar com o texto. Esse leitor pode construir novos sentidos, repensar suas relações com a obra, consigo e com a realidade e, especialmente, o leitor que é sujeito da experiência de leitura literária pode ser afetado pelo texto de tal modo que venha a colocar em prática as reverberações dessa experiência, que podem ser manifestadas em forma de performance, justamente por também constituírem a experiência de leitura (Dall Agnol, 2021, p. 82).

Salienta-se que muitos professores se encontram diante de uma realidade educacional que não permite, em termos de estrutura, um trabalho diversificado em suas aulas. Para criar e inovar, o professor precisa investir em sua formação continuada e em uma constante atualização. Além disso, há de se considerar que a grande maioria dos alunos que frequentam as escolas públicas não possuem condições de adquirir livros variados nem tempo disponível para muita leitura. A única opção de leitura desses alunos são os textos jornalísticos, que são mais baratos para aquisição e possuem uma linguagem mais próxima à sua realidade cotidiana. Devido ao atual cenário social, político e econômico, a maioria das famílias não dispõe de recursos para investir em livros literários. Nota-se que os momentos na sala de aula,

em geral, são os únicos momentos de leitura a que a maioria dos alunos tem acesso. O papel da escola fica evidente nas palavras de Rocco (2013):

A escola, sem dúvida, trabalha com muitas das interfaces. Há o ler que prioritariamente se detém na busca de informação. Há o ler cuja natureza é puramente funcional. E há o ler do produto ficcional - que deveria ser fonte de grande prazer para os estudantes, mas que, ao contrário, acaba por se constituir em desagradável exercício de coerção, momento em que melhor se evidenciam o autoritarismo e a extemporaneidade que vêm marcando boa parte de nosso sistema escolar. E é nesse mesmo momento que se anulam as possibilidades de fruição da leitura (Rocco, 2013, p. 41).

O texto literário deve ser discutido e analisado por professores e alunos em uma relação de diálogo, trocas e respeito à fala e à voz do aluno, bem como às suas leituras anteriores. O professor deve ter um cuidado especial ao selecionar leituras: deve pensar em sua turma, nas diferenças de perfis dentro dela e, sempre que possível, atrair o aluno para formar novas histórias, recontar histórias ouvidas e lidas; dessa forma, o leitor passa a ser um ator dentro do contexto histórico.

O uso de histórias para auxiliar na educação é uma ótima técnica, pois as crianças se envolvem na narração, entrando naquele mundo, além de não precisar de recursos incessáveis para a aplicação.

A criança em formação, ao visualizar um adulto com esse hábito, automaticamente vai querer imitá-lo, constituindo-se em um leitor com um caminho infinito de descobertas e de compreensão do mundo no qual está inserida ou mesmo de um mundo imaginário.

Acredita-se que o emprego da literatura no que diz respeito ao espaço da educação escolar contribui, em diversas etapas, com a socialização e a comunicação. Além disso, motiva a criança a ser concentrada, uma vez que requer uma ação sistematizada e planejada para promover o desenvolvimento integral do sujeito, tornando-o crítico, criativo, consciente e produtivo.

No que tange à formação do leitor, o seu primeiro pilar se dá na família, importante ferramenta incentivadora do processo de leitura. Em poucas palavras, a família é a instituição educacional mais antiga composta pelos homens. No decorrer histórico, a família é a instituição que proporcionava, desde os primórdios, a troca de experiências, estimulando e intensificando o gosto e o prazer pela leitura. No período colonial a relação de educação e família era intrínseca; nessa concepção, o fator

educação “[...] constituía-se tarefa própria da família. Ficando a instrução, em primeiro momento, destinada aos cuidados dos pais” (Xavier; Ribeiro; Noronha, 1994, p. 74).

Para Antunes (2005), são várias as causas que interferem na formação do leitor; entre tantas, destacam-se: o analfabetismo dos pais, um ambiente facilitador de leitura, a falta de livros, o exemplo de pais leitores, o desconhecimento e nível cultural, econômico e outros. Para Petit:

Como fazer para que uma pessoa se torne um leitor ou uma leitora, apesar de tantos obstáculos? [...] Quando se vem de um meio pobre, mesmo com uma formação escolar, os obstáculos podem ser numerosos: poucos livros em casa, ou nenhum, a ideia de que aquilo não é para ele, uma preferência por atividades coletivas e não por esses “prazeres egoístas”, dúvidas sobre a “utilidade” da leitura, um acesso difícil à língua narrativa: tudo isso pode somar-se para dissuadir alguém a ler. E, caso se trate de um menino, ainda há os colegas que ridicularizam quem se dedica a essa atividade “afeminada” e “burguesa”, associada por eles aos trabalhos escolares (Petit, 2013, p. 34).

A prática da leitura dentro das salas de aula não deve ser relegada a um segundo plano, ação que ocupe apenas o tempo que sobra na sala de aula. A tarefa que liga o aluno leitor e o mundo literário deve ser planejada como atividade cotidiana, não só entre alunos, como também entre professores. Assim, a atividade de leitura funciona na perspectiva de leitores em formação (que a ação de ler ocorra também fora do ambiente escolar). Dessa forma, o leitor pode aproveitar a leitura para dialogar com outros leitores – ao passo que o ato de ler se transforma em escrita – estimular futuras leituras, recontar as leituras tendo como base o seu ponto de vista. Surge, através desse processo, o leitor transformador.

Van Gennepe (2011), ao analisar o processo de transformação do leitor, defende a ocorrência de um rito de passagem quando o indivíduo decide iniciar-se no mundo literário. O autor identifica que, no primeiro momento, ocorre a separação ou ruptura, que constitui o estágio em que o sujeito abandona seu cotidiano e adentra uma etapa de isolamento do grupo, de desconhecimento ou até mesmo de excitação. Nesse momento, o leitor está prestes a abrir seu livro e dedicar alguns momentos para a atividade de leitura. No segundo instante, definido pelo autor como margem ou liminar, o sujeito mergulha em uma história, uma vivência, um contexto deslocado de seu universo, como se fosse um microcosmo. Nele, o leitor suspende sua própria narrativa para adentrar na narrativa de um outrem desconhecido, inusitado e com quem pode ou não travar identificação. Por fim, há o terceiro momento, de reagregação ou reincorporação, quando o sujeito leitor retorna ao seu cotidiano, o que lhe obriga ao

encontro consigo mesmo. Em outras palavras, o indivíduo leitor retorna para seu lugar, para sua própria história, carregando consigo uma nova perspectiva sobre seu próprio mundo a partir da experiência de leitura literária.

O indivíduo que realiza leituras por hábito ou, simplesmente, por gostar de ler e distribuir os conhecimentos obtidos, é definido por Britto (2015) como um leitor autônomo. O leitor autônomo não é apenas quem lê de acordo com seus impulsos ou interesses, exatamente porque esses desejos e opções podem resultar da ação de fatores exógenos, como questões culturais e sociais. O leitor autônomo seria aquele que dispõe de artifícios para conhecer e controlar tais fatores (Britto, 2015, p. 43).

No estudo de Dall Agnol (2021, p. 84) faz-se um resumo sobre as fases do processo de leitura literária pelo qual passam os indivíduos leitores, sendo assim apresentadas:

Quadro 2 – Fases do processo de leitura literária

FASE	CARACTERÍSTICAS
Primícias da Leitura Literária	A leitura inicia antes mesmo de o leitor abrir o livro. Ela começa quando escolhe o que vai ler, onde e por quanto tempo, se será uma leitura individual e silenciosa, ou se ela será acompanhada por outros leitores. Neste prelúdio, o leitor pode sentir-se envolto pela ansiedade, por expectativas, por memórias de outras leituras, por comentários ou indicações de outros leitores, ou mesmo por lembranças de outras obras lidas anteriormente.
Experiência da Leitura Literária	Durante a leitura, o leitor é acolhido pelo universo da narrativa, vivenciando emoções, travando relações, criando identificações, que podem ser confrontadas a qualquer tempo com as expectativas da fase anterior. Quando o leitor finaliza o momento de leitura, ele é forçado a encontrar-se consigo mesmo, e é convocado a retornar para seu papel anterior, podendo ter havido uma ressignificação de sua condição, a partir dessa experiência.
Reverberações da Leitura Literária	Quando o leitor retorna à sua vida cotidiana, a experiência de leitura é capaz de permanecer por mais algum período em sua consciência. Provavelmente, essa leitura será expressa pela resenha para seus colegas, será divulgada através de redes sociais, por fotos, pequenos textos, breves vídeos; será compartilhada em aplicativos de leitura, transformando-se em números, avaliações e comentários; será descrita em algum diário de leitura, a título de registro; tomará a forma de uma lembrança na memória do leitor; ainda terá repercussão na história do próprio leitor ou em seu ambiente de convivência.

Fonte: Dall Agnol (2021) com base em Van Genep (2011).

De uma maneira resumida, a escola passa a ter uma grande responsabilidade para oferecer o melhor para o aluno, cabendo a ela preparar um ambiente favorável para a atuação da leitura, a qual deve ser uma prática frequente. É de suma relevância que os alunos leiam diversos temas e que o professor trabalhe com a discussão desses temas focando na elaboração de valores indispensáveis à formação de leitores, bem como na de cidadãos transformadores da sociedade, embasando-se pelo processo de ler, analisar e produzir opiniões. Portanto, a formação do leitor é, antes de tudo, um comportamento do indivíduo, que utiliza a leitura com um ato que o leva a ampliar seus conhecimentos, válido para proporcionar o bem-estar na vida de um bom leitor.

3.2 RELEVÂNCIA DA BIBLIOTECA ESCOLAR PARA A FORMAÇÃO DO LEITOR

O termo biblioteca conceitua-se por coleção de livros dispostos ordenadamente para estudo e consulta; edifício onde se instalam grandes coleções de livros para uso público ou particular; dependência onde está instalada a coleção de livros e publicações congêneres, organizadas para estudo, leitura e consulta. É um centro de transferência de informação, composta pelos mais diversos tipos de documentos (livros, periódicos, slides, fotografias, filmes, mapas, discos, fitas magnéticas, vídeos, partituras, etc.). Um espaço dinâmico o qual atende pesquisa, estudo e lazer. Toda coleção organizada de livros, publicações periódicas impressas ou material audiovisual (Miranda; Pereira, 2011, p. 16).

Nas palavras de Nunes e Santos (2020, p. 4), “a biblioteca escolar é essencial para a formação de leitores que, através da leitura, podem desenvolver o pensamento crítico e reflexivo e a construção do conhecimento, estabelecendo a possibilidade de melhor comunicação para uma vida em sociedade”.

Um cenário um tanto negativo referente à biblioteca é percebido em estudos realizados por Ramos e Neves (2010). As autoras informam que, em muitas escolas brasileiras, as bibliotecas escolares (quando existem) são espaços desprezados, cumprindo mais a função de depósito de livros e materiais do que de ambiente pedagógico para informação, letramento e fruição. Trata-se, também, de outro aspecto da realidade brasileira: os altos índices de analfabetismo funcional e o baixo índice de leitura literária. Todo esse cenário se dá, inicialmente, pela falta de incentivo à leitura, seja por parte da família, da escola e da própria comunidade onde os indivíduos estão inseridos.

Esse ponto de vista negativo foi reafirmado por Silva (1995, p. 24-25). Mesmo com a relevância pedagógica da biblioteca, esse ambiente escolar, em geral, tem sido desprezado pelas políticas públicas e pelas práticas docentes. A realidade das escolas brasileiras aponta que, quando existem bibliotecas, esses espaços geralmente não passam de depósitos de livros e de outros objetos, com horários de funcionamento breves e irregulares, ou ainda são convertidas em espaços de punição (muitos educadores faziam uso desse espaço para castigar os alunos, colocando-os para copiar longos trechos das enciclopédias e livros).

A biblioteca escolar precisa ser reconhecida pelo professor e por toda a comunidade escolar como uma unidade rica em informação e conhecimento, e não

somente como uma sala de castigo ou depósito de livros. Nesse cenário, pode-se dizer que a biblioteca escolar existe para atender às necessidades informacionais dos alunos, professores, coordenadores, enfim, de toda a comunidade escolar (Nunes; Santos, 2020, p. 3).

O leitor busca na biblioteca seu acervo de cultura, pois geralmente é o local de acesso facilitado para garantir uma leitura diversificada e cultural. Mas estar na biblioteca não é garantia de ser um leitor assíduo: o gosto pela leitura deve partir do próprio leitor. A biblioteca está apenas disponibilizando as obras, quem deve mostrar interesse é a pessoa que está na busca da alimentação cultural.

O ambiente da biblioteca deve ser dinâmico e não um local passivo, que não efetua sua real função, que é fomentar o gosto de ler, a curiosidade pela cultura contida nos livros. Esse ambiente deve ser convidativo e agradável aos alunos, estimular o manuseio dos livros de forma adequada, respeitar as histórias contidas nas páginas de cada livro, compreender a organização do lugar para que assim possam ter uma experiência válida.

O mesmo fica evidente no estudo de Nunes e Santos (2020):

O espaço deve ser atrativo e a participação de um profissional bibliotecário torna-se fundamental no tratamento e organização da informação, tornando-a acessível aos usuários, além de contribuir com ações e projetos que despertem nos alunos o desejo de ler. Professores e bibliotecários devem agir em parceria para o desenvolvimento de atividades educativas e ações culturais, tornando a biblioteca um instrumento pedagógico, motivando e incentivando o hábito e o prazer pela leitura, proporcionando vários benefícios aos alunos (Nunes; Santos, 2020, p. 6).

A biblioteca é um espaço coletivo que possui a função de servir ao leitor, porém, é preciso que esse ambiente seja atrativo, ou seja, ofereça a todos um acervo variado. O ambiente da biblioteca não deve ser um suporte pedagógico com função didática, nem ser restrito a poucos grupos de pessoas que estão indo por obrigação buscar esse recurso. Do mesmo modo, também não deve propor atividades de um único tipo, pois, dessa forma, acabará afastando seus leitores por não encontrarem outro motivo para frequentá-lo. Castrillón considera que:

Na medida em que se aceita, sem discussão que as funções de uma biblioteca pública se limitam ao apoio do sistema escolar, à oferta de lazer por meio de atividades recreativas e ao acesso à informação para quem a solicita perdem-se de vista outras possibilidades que a tornariam mais necessária e vital para a sociedade (Castrillón, 2011, p. 36).

Se o leitor é estimulado desde que ingressa no mundo dos livros, mesmo sem estar alfabetizado, é possível que interaja utilizando a literatura de imagens para, posteriormente, quando estiver com o processo de leitura concretizado, possa mergulhar no mundo literário. Para isso, o primeiro passo está na biblioteca da escola, que tem a importante função de abrir suas portas para ele. Conforme Petit, “para transmitir o amor pela leitura, e acima de tudo pela leitura de obras literárias, é necessário que se tenha experimentado esse amor” (Petit, 2008, p. 161).

Direcionar o leitor para que faça uso constante da biblioteca é trabalhar na sua formação, pois ele precisa saber que o conhecimento está ali disponível e ao seu alcance no momento em que precisar. Para que a biblioteca realmente exerça seu papel, é preciso que seu uso seja dirigido, tornando-a um espaço de qualidade, onde seja possível promover encontros entre leitores, que esses possam trocar ideias e informações sobre suas leituras, fazendo com que o amor pelas obras literárias cresça dentro de cada um e que possa ser disseminado, atingindo novos leitores.

A biblioteca em si, consiste em um local para leitura que abriga os exemplares. Ela não tem o poder de fazer com que o leitor adquira gosto por ler, pois essa tarefa se atribui a um mediador, seja ele o professor, o bibliotecário ou mesmo alguém que inspire esse leitor a se aventurar no mundo literário. De acordo com Petit: “[...] não é a biblioteca ou a escola que desperta o gosto de ler, por apender, imaginar, descobrir. É *um professor, um bibliotecário* que, levado por sua paixão, a transmite através de uma relação individual” (Petit, 2008, p. 166).

Para a motivação do gosto e interesse pela leitura, é importante propiciar ao leitor alguns aspectos que podem ser considerados essenciais para o incentivo à leitura, como: um local adequado, atraente, agradável, dinâmico e interativo que desperte no leitor a vontade de permanecer e se encantar pelo mundo prazeroso da leitura. As escolas devem adequar o espaço físico reservado à biblioteca dentro da escola e transformá-lo em um local de mediação da leitura: práticas e fazeres na formação de leitores, espaço da informação e do conhecimento que abra novos horizontes para seus alunos, professores e toda comunidade escolar (Silva, 2015).

A biblioteca não deve ser voltada apenas para os livros, mas sim para as pessoas frequentadoras dela, já que elas existem devido aos leitores. Uma biblioteca deve apoiar sua estrutura no público leitor, tendo em seu interior uma gama de ofertas literárias, onde seja possível a diversidade: dos quadrinhos à ficção. Assim, nenhum

gosto fica excluído da prateleira, afinal, livros devem ser manuseados, explorados e folheados, livros empoeirados demonstram tristeza. A relação da biblioteca e do ambiente é evidenciado por Pombo (2009):

[...] biblioteca e escola percorrem caminhos cruzados e, de certa forma, dependentes: para ter acesso ao acervo da biblioteca, é preciso letramento (promovido pela escola); para se ensinar algo, é preciso material (fornecido pela biblioteca) [...]. Dessa forma, a biblioteca pode se converter num mecanismo de transformação das relações entre alunos e professores, já que o professor deixa de ser a fonte única de saber, enquanto o aluno ganha autonomia e liberdade de pesquisa (Pombo, 2009, p. 18).

O ambiente e a funcionalidade da biblioteca escolar são algo único e de suma importância na formação do leitor literário e do aluno que está se preparando para a vida profissional, social e política. A biblioteca não deve ter uma função complementar, ao contrário, a sua função deve ser o foco, o centro do currículo e da escola; ser vista como o eixo que garante e sustenta os processos de ensino e aprendizagem. Para tanto, deve remodelar a forma de ensinar, ou seja, realizar aulas que incentivem os alunos a buscar, investigar, questionar e desenvolver novos pontos de vista (Leal, 2005).

3.3 O PROJETO DE LEITURA NA BIBLIOTECA ESCOLAR

A leitura é um campo abrangente, que vai além da junção de letras e de palavras para compreensão de um sentido. O professor tem um papel fundamental na construção de novos saberes: sua responsabilidade é de grande importância, pois ele necessita se adaptar às diferentes linguagens e criar oportunidades para além das situações educativas, transcendendo a sala de aula. Sendo assim, ele deve despertar o conhecimento, provocar reflexões, estimular o desejo de aprender, entre outros, para que a realização da construção da autonomia vise à contribuição para a uma sociedade crítica e pensante. Deve-se mediar e facilitar o processo de aprendizagem para que a formação se transforme em conhecimento.

Para que a mediação do professor entre a literatura e as crianças seja eficaz, é fundamental que a preparação do mediador se dê a partir de um relacionamento positivo com os leitores, ou seja, conhecer os alunos, investigar os gostos literários através de diálogos, adaptar-se ao ritmo da criança, incentivar a escolha do livro e selecionar livros que estejam de acordo com a faixa etária da turma. O ato de

mediação da leitura deve ocorrer de forma abrangente e integral, atraindo jovens, adultos e crianças.

Conforme Nunes e Santos (2020, p. 11), a mediação da leitura pode ser vista como uma atividade social, onde o principal objetivo é transformar em leitores aquelas pessoas que desconhecem a leitura como uma prática que desenvolve o senso crítico, criativo, social e cultural e que não acreditam que a leitura possa transformar suas vidas e abrir novos horizontes.

Almeida Júnior e Santos Neto (2014) aduzem que

A mediação só ocorre quando há interferência de alguém, este que interfere é denominado como mediador. É simples entendermos como um mediador pode facilitar muitas conversas e acordos, mesmo que sem desconsiderá-la ou manipulá-la. Da mesma forma que o termo mediação é utilizado e empregado em diversas áreas do conhecimento, o mediador também está presente nelas (Almeida Júnior; Santos Neto, 2014, p. 100).

O professor/mediador pode utilizar meios que estimulem as crianças a terem uma relação ainda mais próxima com a literatura, como convidar as crianças a formarem uma roda, pois é muito importante que todas consigam se olhar e interagir; usar fantoches, fantasias, músicas, usar ferramentas tecnológicas, objetos relacionados à história para serem manuseados pelos pequenos, a entonação da voz do professor diferenciando os personagens apresentados no livro, convidar as crianças para serem personagens, dar espaço para que elas despertem a imaginação a partir da leitura.

A leitura é uma ferramenta de construção e reconstrução do ser humano, e alimentar a prática da leitura literária desperta a fantasia, criatividade, linguagem, gramática e a comunicação da criança. Mediante isso, o professor, ao entrar em contato com o livro, deve perguntar para si mesmo: o que posso trabalhar a partir desse livro? O que é um bom texto? O que é preciso fazer antes da leitura e depois da leitura? Essa atribuição deve ser realizada a partir do conhecimento prévio do professor, pois o leitor tem que interagir com o texto para se aproximar e entender de fato o que o autor quis passar, sem que sua imaginação seja ignorada.

A Escola Municipal de Ensino Fundamental Atílio Benedetti, fica localizada no Capão da Herança, 3º Distrito de Vacaria - RS, e conta com a média de 85 estudantes, distribuídos nos turnos de manhã e tarde. Além do ensino fundamental de nove anos completo, também possui turmas de pré-escola I e II. Atualmente atuam na escola sete

professores, sendo uma professora/supervisora e duas funcionárias. Todos os professores possuem graduação de nível superior completo, a maioria com especialização na sua área.

A escola, por sua localização, recebe a função de agregar os alunos oriundos de pomares, fazendas, granjas e adolescentes do 6º Distrito de Vacaria (Coxilha Grande, Caravágio e Itacolomi). O fluxo de alunos é intenso devido ao trabalho sazonal das famílias, o que interfere na aprendizagem dos alunos pela falta de sequência nos conteúdos, pois quando acaba o período de safra nas lavouras, muitas famílias acabam voltando para a cidade ou mudando de fazenda. O mesmo acontece com as famílias que trabalham nos pomares, ao final de cada etapa da safra, alguns preferem mudar sua moradia a ficar na propriedade e trabalhar em outro ramo. É importante frisar que os proprietários sempre tentam recolocar as famílias em outra atividade até que chegue o novo período de safra, mas nem todos se adaptam. A escola é vista pela comunidade como principal fonte de conhecimento para seus filhos, rumo a um futuro melhor.

Na Escola Atílio Benedetti, a professora responsável pela biblioteca trabalhava desenvolvendo um projeto de leitura que estimulava os alunos a conhecerem os livros e se tornarem leitores assíduos. O projeto realizado pela professora era simples, sem objetivos, nem habilidades, portanto, farei a descrição do que foi consultado na biblioteca da escola. Consistia em, primeiro, apresentar a biblioteca para os educandos para que saibam onde ficam os títulos adequados à idade de cada um, os livros direcionados aos pequenos, os que se apresentam em letra caixa alta, os didáticos, as revistas, enfim, toda a estrutura da sala de leitura. Depois de conhecerem o espaço em que estavam, as crianças eram convidadas para uma conversa na qual contavam se já conheciam histórias, se tinham livros em casa, que tipo de leitura agradava e, assim, a professora os guiava para o acervo. Para os não alfabetizados, a família era envolvida na contação da história para que posteriormente retornassem à biblioteca e, então, recontariam a história. Aos que já se apropriavam da leitura, após o prazo que lhes era dado, deveriam voltar com a sua ficha de leitura preenchida, onde havia perguntas sobre a história, como o que mais agradou na leitura, quantidade de personagens, assunto principal, se mudariam o final, qual seria, entre outros questionamentos. Conforme o tempo ia passando, era possível perceber que o interesse pelos livros aumentava, mostrando a eficácia do projeto, como também a

melhora da leitura em sala de aula, o que auxiliava o processo de alfabetização no primeiro ano.

Dentre o acervo literário disponibilizado aos alunos da Escola Municipal de Ensino Fundamental Attílio Benedetti, de diversos gêneros literários, as crianças dos iniciais (terceiro aos quintos ano) preferem os que lhes auxiliam a descobrir e dar sentido ao mundo que os cerca.

No que tange à biblioteca na Escola Attílio Benedetti, tem-se momentos distintos, marcados pelo antes da pandemia de Covid-19 e pelo período pós-pandêmico. Até o período da pandemia em 2019, a biblioteca era organizada de forma lúdica. A professora responsável preparava o ambiente para que os estudantes tivessem acesso aos livros conforme sua idade, seu nível de aprendizado e, para os maiores, segundo o gosto de cada um.

A biblioteca tinha cartazes de incentivo e cuidado com os livros, mesa do professor para os registros no livro de retiradas e o livro do acervo, que contava na época com 246 obras. As estantes eram divididas em livros literários e livros didáticos, os armários continham materiais para uso diário, como papéis coloridos, tintas, pincéis, mapas, jornais, revistas, cartolinas, entre outros. Ao lado da mesa do professor, havia um espaço com um tatame e almofadas para que os alunos pudessem folhear os livros antes da escolha. O mural continha alguns trabalhos expostos e as datas em que cada turma era chamada para devolver a atividade do livro que foi retirado. As caixas coloridas dos armários guardavam os trabalhos dos alunos e a professora registrava o progresso das leituras.

Durante a pandemia, a escola precisou de um espaço para ser sala de isolamento. Como a sala destinada à biblioteca era a única que não estava sendo usada como sala de aula, todo o acervo foi retirado e montado no corredor da escola, em frente ao refeitório. Esse lugar foi isolado com cortinas plásticas e passou a ser a nova biblioteca. Apenas no final de 2022, o acervo literário retornou para a antiga sala.

A seguir, uma fotografia da sala da biblioteca que, naquele período, passou a ser sala de isolamento. A figura 2 mostra o novo local utilizado para ser a biblioteca, com apenas as estantes dos livros. Os demais materiais foram todos encaixotados e guardados no depósito devido às normas de enfrentamento da Covid-19.

Figura 1 – Sala da biblioteca durante o período de isolamento



Fonte: Autora (2019).

Figura 2 – Local da biblioteca na pandemia



Fonte: Autora (2022).

Hoje em dia, a biblioteca não conta mais com uma professora, essa foi uma decisão da Secretaria de Educação. Nas escolas da sede, existe um monitor contratado para manter a biblioteca apenas organizada. Já nas escolas do interior, por serem menores, os professores estão todos em sala de aula, e a sala de leitura

ficou sem um profissional para receber os alunos e mantê-la organizada. São os próprios professores que registram os livros que os alunos retiram em suas salas de aula.

As escolas sem bibliotecas limitam-se somente aos livros didáticos e às informações passadas apenas pelo professor em sala de aula. É relevante que os alunos se interessem em procurar outras fontes de informação, que reforcem o que foi abordado pelo professor em sala de aula para que ampliem o seu conhecimento, não tendo como fonte apenas o livro didático, ou seja, explorar diversos pontos de vista sobre um mesmo tema. Os livros são importantes fontes de informações diversas, que permitem que o leitor possa explorar sob diferentes óticas um mesmo assunto (Nunes; Santos, 2020).

A seguir, fotografias da sala da biblioteca após a pandemia Covid-19, a qual está em funcionamento até os dias atuais.

Figura 3 – Visão do espaço da biblioteca da Escola Atílio Benedetti



Fonte: Autora (2023).

Figura 4 – Espaço Físico da biblioteca da Escola Atílio Benedetti



Fonte: Autora (2023).

Figura 5 – Acervo literário da Escola Attílio Benedetti



Fonte: Autora (2023).

Atualmente, cada professor procura desenvolver o seu próprio trabalho de leitura, já que a biblioteca não conta mais com uma professora exclusiva para o setor. De forma individualizada, as professoras desenvolvem um projeto de leitura que estimula os alunos a conhecerem os livros e se tornarem leitores assíduos.

O trabalho que os professores desenvolvem consiste em apresentar a biblioteca para a turma, mostrar onde ficam os livros destinados a cada ano e idade, quais eles podem escolher conforme a aprendizagem de cada um. Depois de escolherem o título, a professora anota no livro de registros a data de empréstimo e a data de devolução.

Para os não alfabetizados, a família continua envolvida na contação da história, para que, posteriormente, retornem à sala para recontar história. Os educandos de terceiro, quarto e quinto anos, após o prazo de leitura, preenchem a nova ficha da história. Infelizmente, o professor titular tem toda a carga de conteúdos para ensinar aos alunos, e nem sempre tem o tempo necessário para conversar sobre a leitura e, muitas vezes, ela se torna novamente mecânica: os alunos escolhem o livro apenas pela capa ou o título, com mais desenhos do que história, para que possam acabar rápido essa leitura. A ficha de leitura se transforma em uma tarefa e não em um prazer de falar sobre a história lida. O espaço de sala de aula é mais agitado; dessa forma,

nem sempre é possível ouvir a contação do livro pelos alunos de primeiro e segundo ano. Conforme o tempo vai passando, é possível perceber que o interesse pelos livros é substituído por mais um afazer de sala de aula, mostrando a eficácia do projeto anterior e a importância de ter uma professora atuando na biblioteca.

Vilaça e Araújo (2016) mostram que existe uma mudança de papel do professor no mundo contemporâneo, onde ele atua como um mediador do conhecimento. Desse modo, o conteúdo deve ser compartilhado com os alunos, que, por sua vez, também poderão participar da investigação desse conteúdo. Contudo, os educadores continuam tendo controle: eles controlam as regras que definem como os leitores podem contribuir, indicam os sites, etc. Nesse caso, os profissionais de sala de aula são mediadores. Há, portanto, uma colaboração entre leitor e mediador na busca e compartilhamento de conteúdo e de informações. Como afirma Behrens, “esse processo de investigação se amplia, pois os alunos podem buscar na rede informatizada os endereços de sites específicos fornecidos pelo professor” (Behrens, 2000, p. 117).

Vilaça e Araújo (2016) entendem que, em um cenário fomentado pelas tecnologias móveis, o professor deve despertar no aluno a busca de respostas desejadas, gerando, assim, a construção do conhecimento.

Para Moran (2015), o docente age como articulador das etapas individuais e grupais com sua capacidade de acompanhar, mediar, de analisar os processos, resultados, lacunas e necessidades a partir dos percursos realizados pelos alunos individual e grupalmente.

Diante disso, o uso da comunicação aberta, em múltiplas redes, é fundamental para a educação contemporânea, abrindo possibilidades aos mestres e alunos de trazerem inovações para as áreas de estudos e/ou para a sociedade, caracterizando-se, assim, como um ensino participativo e integrador, sendo o educador a peça principal que vai aguçar o desejo pela leitura na criança.

Com o avanço da tecnologia, como base no que foi exposto, percebe-se ainda que o professor passa a ser um mediador entre o conteúdo e o aluno, incentivando a cooperação e fomentando o conhecimento. As tecnologias digitais trazem uma gama de possibilidades, podendo, assim, agregar valor às práticas de leitura e escrita dos alunos inseridos nessa sociedade digital de uma forma interessante e dinâmica que desperte o interesse do aluno.

O professor, quando exerce o papel de bibliotecário, assume um importante papel no incentivo à leitura literária. Esse deve ser o mediador entre os alunos e o mundo dos livros.): para auxiliar os alunos a adentrarem o mundo da biblioteca, é preciso um mediador, ou seja, um profissional qualificado. O mediador é aquele que organiza, interpreta e elabora estratégias, ele provoca curiosidade, mostra envolvimento e interesse, estimula a significação e a reflexão, promove o compartilhamento e o respeito aos diversos pontos de vista, incentiva a mudança e a participação ativa de todos. Conforme enfatizam Nunes e Santos (2020),

o papel do bibliotecário escolar é de grande importância para atingir tais objetivos e seu trabalho deve ser desenvolvido em conjunto com todos os membros da comunidade escolar. Seu perfil deve ser inovador e determinante para acompanhar o avanço das tecnologias da informação e da comunicação (TIC), com habilidades para o manuseio da informação em diferentes formas de suporte, buscando contínuo aperfeiçoamento profissional e competência para lidar com a informação. A parceria entre professores e bibliotecários influencia no bom desempenho dos alunos no processo de ensino-aprendizagem no espaço da biblioteca (Nunes; Santos, 2020, p. 4).

O papel do mediador é fundamental para despertar o gosto pela leitura. Dessa forma, não é a biblioteca ou a escola que desperta o gosto por ler, descobrir, imaginar, e sim “um professor, um bibliotecário que, levado por sua paixão, a transmite através de uma relação individual” (Petit, 2008, p. 166).

O que faz uma biblioteca não é apenas a presença de livros, e sim a existência das relações entre alunos, livros, professores de biblioteca e professores de sala de aula. As políticas públicas têm investido apenas no reunir e distribuir livros, mas muito pouco se faz para dispersar, ou seja, compartilhar leituras. Contudo, a leitura do livro literário não preexiste ao leitor e sim é criada por ele: os livros são acordados pelos leitores, com a mediação dos educadores da biblioteca. Daí a importância do mediador (Arena, 2009).

3.3.1 Perfil do leitor

Ao analisar o perfil leitor de uma comunidade escolar, deve-se considerar, segundo Krug (2015), que a leitura constitui também uma prática social pela qual o sujeito, ao praticar o ato de ler, mergulha no processo de produção de sentidos e torna-se algo inscrito na dimensão simbólica das atividades humanas. As ações ligadas aos diversos tipos de linguagem, seja fala ou escrita, fazem parte das atividades humanas que conduzem de forma dinâmica o ser humano a adentrar o universo da cultura, evoluindo cada pessoa para um ser culto, racional e pensante, que através das leituras busca expandir seus conhecimentos e projetar um novo futuro.

Para Fleck (2019, p. 6), a formação do hábito da leitura na escola, embora seja importante e necessário, deve ser acompanhado de ações que levem o leitor a uma dimensão da experiência de leitura capaz de transcender a essa mecanização e conduzir à leitura compreensiva, interpretativa, conscientizadora e crítica, a um ato criativo, ou seja, de superação do hábito pela originalidade. Esse é um processo que requer estímulos, oportunidades e exemplos e que, dificilmente, instaura-se sem a necessária mediação de um professor que seja, de fato, leitor proficiente. Para Gasque:

O uso das bibliotecas pelos aprendizes deve se iniciar desde a educação infantil, por isso a biblioteca escolar tem papel preponderante no que diz respeito a fomentar nos aprendizes a curiosidade, a vontade de aprender, o gosto pela leitura. Para tanto, as bibliotecas precisam estar integradas pedagogicamente ao sistema educacional, em especial as escolares (Gasque, 2012, p. 153).

No atual contexto educacional, os estudantes precisam ser motivados a buscar o conhecimento e o interesse pela literatura. Nesse âmbito, observa-se que o desenvolvimento cultural se dá com maior relevância por meio da leitura e do aprofundamento das obras estudadas, assim como o conhecimento dos seus autores. A literatura possui um campo imenso para ser estudado e aprofundado no ambiente escolar; desse modo, ressalta-se que pode ser explorada a partir de autores mais conhecidos e próximos de cada realidade. Assim, constrói-se um aprendizado literário para a vida, pois é comum encontrar estudantes desinteressados pela leitura e com dificuldades na interpretação de textos e de obras em prosa ou em verso. Na busca

por motivar os alunos da Escola Municipal de Ensino Fundamental Attílio Benedetti, os gráficos que seguem tiveram os dados coletados na biblioteca da escola, analisando temas, linguagens e metas que cada aluno pretende atingir ao escolher um livro.

O gráfico 1 apresenta o percentual de alunos do sexo feminino (15 meninas) e masculino (11 meninos) que retiram livros para leitura na biblioteca da escola.

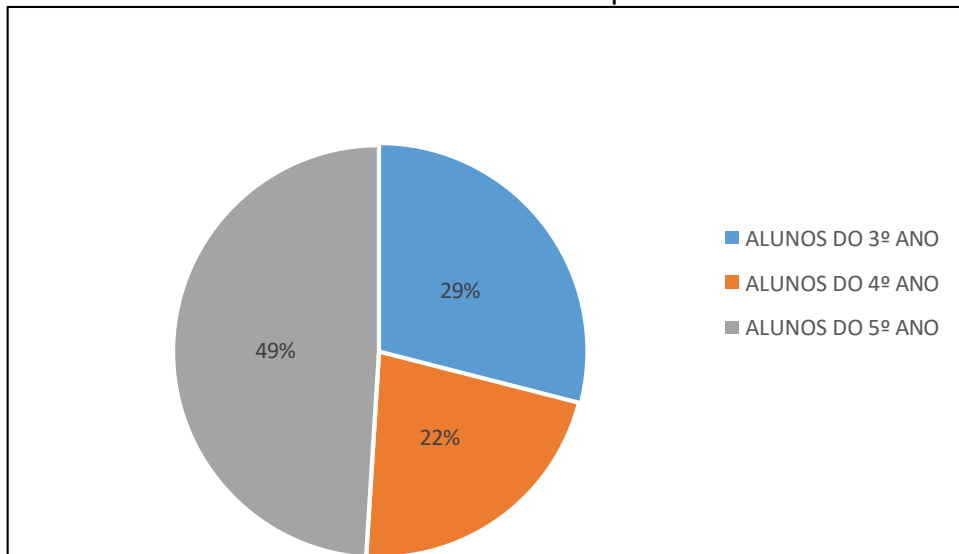
Gráfico 1 – Percentual de retirada de livros da biblioteca por gênero do leitor



Ao analisar o livro no qual se registram as retiradas feitas pelos alunos da escola, vê-se que 35% das locações foram feitas por meninos e 65% por meninas, a maioria de todos eles pertencem ao ensino fundamental e são estimulados constantemente pelos professores a realizar leitura de diversos segmentos da biblioteca, como poemas, narrativas, histórias fictícias, entre outros.

O gráfico 2 traz o percentual de leituras realizadas por ano escolar dos alunos da Escola Attílio Benedetti.

Gráfico 2 – Percentual de leitura por ano escolar

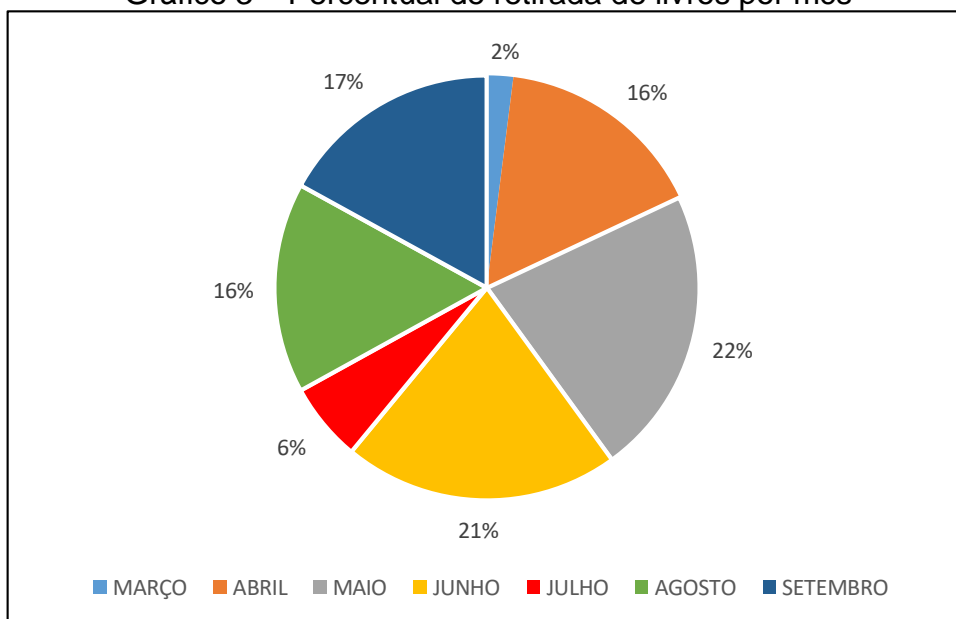


Fonte: Elaborado pela autora (2023).

Ao tabular os dados referente às leituras feitas no ano escolar, tem-se que 29% dos alunos pertencem ao 3º ano do ensino fundamental, 22% são do 4º ano do ensino fundamental e 49% dos alunos, a grande maioria, são alunos do 5º ano do ensino fundamental. Os alunos estão na faixa etária dos 11 anos de idade.

No gráfico 3, faz-se uma análise dos períodos nos quais as retiradas de livros são mais numerosas, para, dessa forma, entender as ocasiões de maior retirada e interesse pela leitura por parte dos alunos.

Gráfico 3 – Percentual de retirada de livros por mês



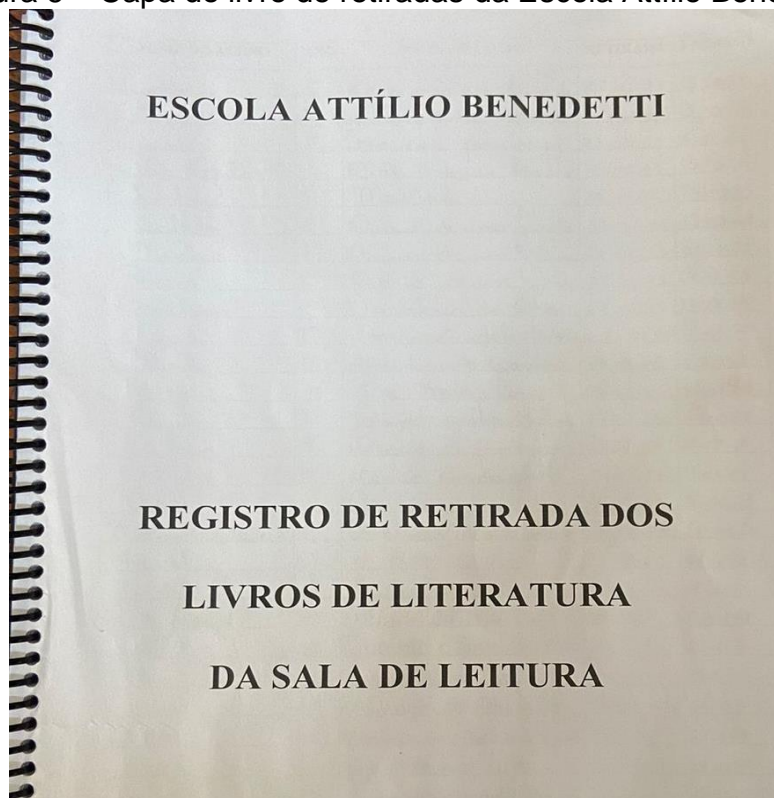
Fonte: Elaborado pela autora (2023).

Verificando o número de retiradas por mês letivo, observa-se que os meses que contabilizam menor número de saída de livros são março e julho, sendo 2% e 6% das retiradas, pois, no início do ano letivo, ainda há muitos alunos sem matrícula, problemas com transporte escolar, trocas de escola e também ocorre a introdução ao ambiente escolar pós-férias. No mês de julho, por sua vez, entra o recesso escolar, então são apenas 15 dias letivos. O mês de maio retém 22% das locações, isso se deve pelo estímulo à leitura que os alunos recebem no cotidiano escolar por parte dos professores. Em julho, agosto e setembro, mantém-se uma estabilidade de retiradas, variando entre 16% e 17%.

O trabalho na biblioteca se encerra em setembro, pois, como é uma escola rural, muitas famílias trabalham por sazonalidade nos pomares, granjas e fazendas. Então, é uma época em que as mudanças começam, tanto para a chegada de alunos novos como a saída de outros. Dessa forma, a partir do mês de outubro, as retiradas se encerram, pois há dificuldade de encontrar os alunos fora da escola, assim, as organizações de fim de ano são sempre antecipadas.

Este é o atual livro de registros da escola, onde constam as saídas e devoluções literárias.

Figura 6 – Capa do livro de retiradas da Escola Attílio Benedetti



Fonte: Autora (2023).

Figura 7 – Página do livro de registro das retiradas de livros da escola Atílio Benedetti

ANO	NOME DO LIVRO	DATA RETIRADA	DATA ENTREGA
2º	Tata - balão	12.03.19	19.03.19
2º	O ratinho, o morango me	12.03.19	19.03.19
3º	Poesia na varanda	12.03.19	20.03.19
3º	Junio	12.03	19.03.19
3º	O risco e o fio	12.03	19.03.19
3º	O que cabe num livro?	12.03	19.03.19
2º	Bullking na escola	12.03	19.03.19
2º	Eu quero ter...	12.03	19.03.19
2º	O casamento do rato	13.03	19.03.19
4º	Clara, a avellhamba...	13.03	20.03.19
3º	Soltando os bichos	19.03	26.03.19
2º	O mágico de Oz	19.03	26.03.19
2º	Sofia, a andorinha	19.03	26.03.19
2º	O pássaro sem cor	19.03	26.03.19
2º	Quando me sinto bondoso	19.03	27.03.19
3º	Poesia na varanda	19.03	26.03.19
3º	Diga um versinho...	19.03	26.03.19
2º	O ratinho, o morango	19.03	26.03.19
5º	Robin Hood	20.03	26.03.19
5º	Médico a força	20.03	26.03.19
4º	O mistério do Coelho	20.03	26.03.19
4º	Viagem aos contos de fada	20.03	26.03.19
4º	Liga de literatura	20.03	27.03.19
4º	Marcha	20.03	27.03.19
4º	Histórias para garotas	20.03	26.03.19
4º	Liga da literatura	20.03	27.03.19
3º	Um amor de confusão	20.03	26.03.
8º	Diário de um barão	26.03	25.04
8º	O cão dos Baskerville	26.03	25.04
8º	O príncipe e o mendigo	26.03	25.04
8º	Se a memória nos ajuda	26.03	19.07
3º	A bela e a fera	26.03	02.04.
3º	O pássaro da lagoa	26.03	02.04
3º	Entre nuvens	26.03	02.04
3º	Sofia, a andorinha	26.03	02.04.19

Fonte: Autora (2023).

Ao analisar os títulos que os alunos mais buscaram, destacam-se *Quando me sinto bondoso*, *Quando me sinto irritado* e *Quando sinto inveja*, de Trace Maroney.

Na busca por conhecer melhor a autora dos livros *Quando me sinto*, tem-se uma pesquisa biográfica feita por Priscila Brito (2019) trazendo a informação que além de escritora ela também é ilustradora de livros voltados para o público infantil que abordam um novo olhar para os sentimentos. Assim, as histórias auxiliam de maneira

inteligente e delicada na construção da inteligência emocional e social desde a mais tenra idade. As obras de Trace conquistaram espaço na estante de famílias do mundo inteiro.

Nascida na Nova Zelândia, Trace Moroney começou sua carreira como *designer* gráfico para uma agência de publicidade. Posteriormente, desempenhou diversas funções em uma editora voltada para a publicação de livros educacionais. Assim que teve a oportunidade, Trace largou, em 1994, o mundo corporativo para se dedicar ao seu próprio negócio de criação de livros infantis. Dessa maneira, no papel de escritora, a artista encontrou a sua verdadeira vocação profissional.

Em 2005, ela publicou uma coleção de livros que foram um verdadeiro sucesso editorial. A série intitulada *Quando me sinto* aborda diversos sentimentos, tais como felicidade, medo, decepção, raiva e tristeza de uma maneira que as crianças possam identificar e entender esses sentimentos no dia a dia. Os livros auxiliam na construção de uma base saudável para que os pequenos desenvolvam a sua confiança e autoestima.

Outra série desenvolvida pela mesma autora é intitulada *As coisas que eu amo*, coleção de livros que tem como objetivo construir uma visão positiva sobre as situações do cotidiano vivenciadas especialmente pelas crianças. Os livros introduzem os conceitos de amor e gratidão, propondo focar nas coisas boas da vida.

Segundo Brito (2019), para a autora dos livros em questão, as ilustrações são um complemento visual para o texto que ela desenvolve a partir de uma ideia inicial que vai tomando forma após muita pesquisa. Além disso, para a artista, o *design*, quando bem feito, permite manter todos os elementos do livro em harmonia. Trace também costuma acrescentar aos livros algumas notas úteis para pais e responsáveis, com orientações escritas por uma psicóloga infantil. Os livros de Trace já foram traduzidos em mais de 15 idiomas.

Os livros desse segmento tornaram-se valiosas ferramentas tanto para os pais como para os educadores no que diz respeito ao entendimento dos sentimentos infantis e juvenis, propondo ações para que se trabalhe de forma adequada e positiva para a evolução dos alunos, respeitando as faixas etárias.

A coletânea que está no acervo da escola é toda em capa dura, com cores vivas e brilhantes, feita em material cartonado, e o coelhinho da parte frontal do livro é todo em papel camurça alto relevo, o que também chama atenção das crianças.

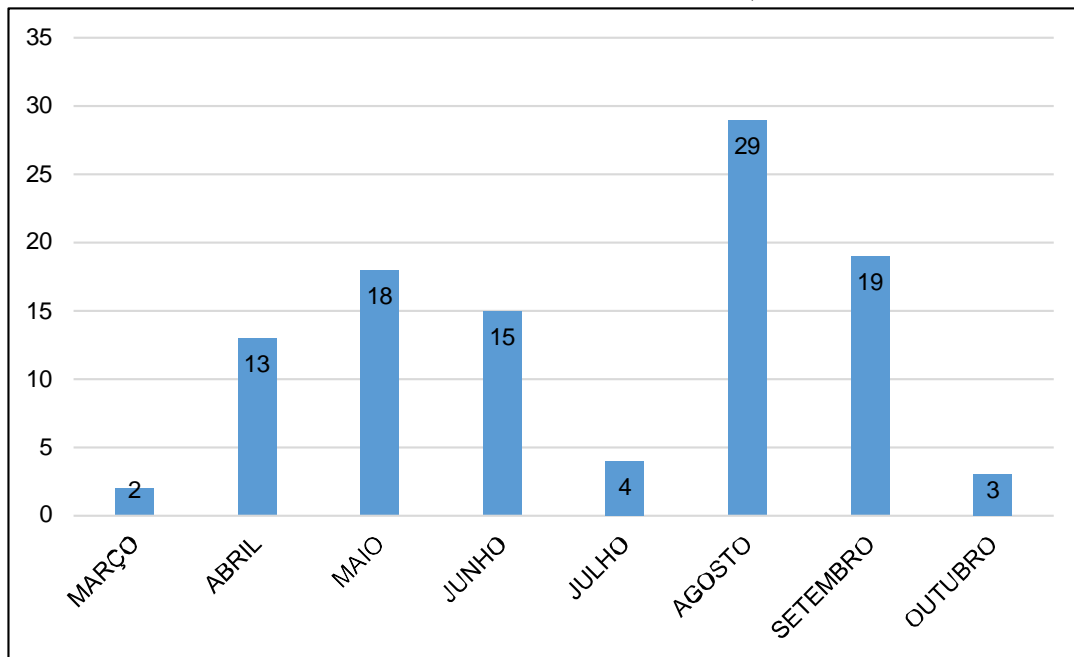
A seguir, uma foto da coleção *Quando me sinto* que a escola possui. Essa coleção conta com dez exemplares, porém, perdemos três títulos com a saída de alguns alunos que acabaram não devolvendo os livros para a biblioteca.

Figura 8 – Coletânea dos Livros *Quando me Sinto*



Fonte: Autora (2023).

O gráfico 4 apresenta o número de retiradas que os livros da coleção *Quando me Sinto* tiveram.

Gráfico 4 – Número de Retiradas dos livros *Quando me Sinto*

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

O personagem principal dessas histórias é um coelhinho que, junto aos seus familiares e amigos, passa por diferentes situações, as quais envolvem sentimento e a necessidade de agir de forma adequada e produtiva. Um fator de destaque é a importância da família nesse processo de sentir e de reagir, fazendo com que os pais participem ativamente de todas as ações que envolvem o crescimento e o amadurecimento de seus filhos.

No desenvolvimento das atividades de leitura literária, enfatiza-se a contribuição para o crescimento emocional, cognitivo e para a identificação pessoal da criança, propiciando ao aluno a percepção de diferentes resoluções de problemas, despertando a criatividade, a autonomia, a criticidade, que são elementos necessários na formação da sociedade atual.

Um texto literário bem escrito, com início, desenvolvimento e fim claros, permite que as características da língua de todos os dias apareçam em roupagem mais bonita, tratando de assuntos atuais, personagens e situações narrativas que nem sempre fazem parte de nossas vivências. Cabe à escola promover o crescimento do leitor, seja pelo contato com muitos e variados temas da leitura, seja quanto ao formato da escrita literária, seja pelo compartilhamento e pela discussão de ideias com o uso de argumentação sólida e coerente.

Conforme Vera Aguiar (2011, p. 109-111), podem ser identificados alguns perfis de leitores bem definidos e caracterizados:

- Não leitor sujeito com uma história de vida distante dos livros, desvalorizados pela família na primeira infância, apresenta um comportamento avesso à leitura literária. Tem um contato esporádico com periódicos, os quais lê para se informar dos acontecimentos recentes e não consegue acompanhar um texto ficcional até o fim. Não dispõe de uma biblioteca, estando a leitura como lazer distante do seu cotidiano, que também dispensa hábitos culturais como cinema, teatro, música, esporte e outros.

- Leitor apressado: caracteriza-se por ser um sujeito dinâmico, muito ocupado com o trabalho, o que lhe deixa poucas horas diárias de lazer. Lê para se informar acerca dos acontecimentos recentes e para se atualizar em assuntos diversos, como política, religião, pedagogia, psicologia, espiritismo. Tem pouco tempo para ler, fazendo leituras rápidas de notícias de jornal, artigos de revistas, crônicas. Compra jornal diariamente e assina uma revista mensal.

- Leitor superficial: lê eventualmente, sem privilegiar um tipo de leitura e não manifesta preocupação com o valor estético das obras. Escolhe os textos ao acaso, geralmente a literatura de massa ou gêneros já consagrados, como o romance romântico. Não costuma realizar leituras para aprimoramento profissional, preferindo as de caráter utilitário e informativo: o poder da mente, o milagre das plantas, o esoterismo, o espiritismo.

- Leitor compulsivo: é eclético – da história em quadrinhos ao último lançamento de um escritor valorizado pela crítica, tudo lhe desperta a curiosidade. Lê o que lhe cai nas mãos, mas mostra um espírito crítico em relação aos textos, emitindo opiniões a respeito de autores e obras. Tem livros espalhados por toda a casa, a leitura estando em primeiro plano.

- Leitor compulsivo: frequenta bibliotecas ou tem a sua própria. Lê de tudo a toda hora, ocupando qualquer minuto livre que tem nessa atividade. Diferente é o leitor técnico, que faz leituras para estudo. São textos técnicos que versam sobre assuntos relativos às disciplinas que está cursando como aluno ou para aprofundamento teórico no campo profissional. As leituras informativas reduzem-se a uma rápida olhada no jornal do dia, sem espaço para as reportagens de revistas.

- Leitor escolar: professor que lê com um objetivo principal – indicar obras literárias para os alunos. Há uma preocupação com o trabalho didático, que absorve toda a sua disponibilidade para a leitura. Essa se reveste de obrigatoriedade, com a finalidade única de desenvolver seu trabalho docente, que consiste na análise e

comentário das obras solicitadas, cujo assunto não diz respeito aos seus interesses, nem ao seu gosto literário.

Ao delimitar o perfil de leitura dos alunos da escola Attílio Benedetti com base nas suas retiradas, fica claro que os alunos preferem leituras que permitem o desenvolvimento sentimental, moral, afetivo, nas quais a figura do adulto é um formador, um exemplo a ser seguido. Ou seja, o perfil literário dos alunos da escola é voltado para o lado humanizador.

Esse perfil humanizador dos alunos remete às considerações de Candido (2011) a respeito da literatura, entendendo-a como uma oportunidade para os leitores amadurecerem, uma vez que a leitura literária possibilita conhecimento e aprofundamento em diversos assuntos. Dessa forma, o leitor pode optar por vários caminhos.

Conforme a pesquisa, os títulos mais retirados foram da coletânea *Quando me sinto*, seguidos por livros de contos diversos, que trabalham uma variedade grande de temas, na maioria ficcionais.

Os estudos de Candido (2011) são referências imprescindíveis para se abordar os aspectos que envolvem tanto a literatura quanto a leitura. Ao estudante da educação básica e, principalmente, do Ensino Fundamental, é necessária a compreensão de que o acesso ao estudo da literatura é uma ferramenta que estabelece um diálogo possível a qualquer cidadão que queira ouvir a sua própria voz e, assim, compreender além daquilo que se pode ver. A literatura, por sua vez, não é somente um objeto de estudo, mas, sobretudo, em concepção mais ampla, o conjunto de vozes citadas por várias falas. O inexplorado e o desconhecido certamente podem ser aprofundados por intermédio do estudo literário.

Conforme Lajolo (2001), um aspecto a ser destacado na leitura é a percepção dos elementos de linguagem que o texto manipula. A leitura literária permite ao indivíduo descobrir-se em seu papel de interação com o texto. Para isso, a escola deve promover o encontro entre leitor e texto, permitindo que esse leitor se reconheça na obra, sinta que sua cultura pode estar vinculada com o texto lido. Sendo assim, para iniciar a formação do leitor, faz-se importante oportunizar a leitura de textos literários próximos à sua realidade, pois quanto mais familiaridade o texto despertar no leitor, mais haverá predisposição para a leitura, já que suas expectativas estarão sendo priorizadas em relação ao ensino da literatura. Assim, os Parâmetros

Curriculares Nacionais (PCN) da área de linguagem ressaltam sobre o que não deve ser feito com a leitura literária:

Com isso, é possível afastar uma série de equívocos que costumam estar presentes na escola em relação aos textos literários, ou seja, tratá-los como expedientes para servir ao ensino das boas maneiras, [...] dos tópicos gramaticais, das receitas desgastadas do “prazer do texto” etc. Postos de forma descontextualizada, tais procedimentos pouco ou nada contribuem para a formação de leitores capazes de reconhecer as sutilezas, as particularidades, os sentidos, a extensão e a profundidade das construções literárias (Brasil, 1998, p. 31).

Essa recomendação dos PCN evidencia que, para desenvolver o gosto pela leitura literária, a leitura lida precisa fazer sentido para o aluno-leitor (Brasil, 1998).

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN):

A leitura é um processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de compreensão e interpretação do texto, a partir de seus objetivos, de seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo o que sabe sobre a linguagem, etc. Não se trata de extrair informação, decodificando letra por letra, palavra por palavra. Trata-se de uma atividade que implica estratégias de seleção, antecipação, inferência e verificação, sem as quais não é possível proficiência. É o uso desses procedimentos que possibilita controlar o que vai sendo lido, permitindo tomar decisões diante de dificuldades de compreensão, avançar na busca de esclarecimentos, validar no texto suposições feitas (PCN, 1998, p. 69).

Leiva Leal (2005, p. 177) realizou um estudo no qual afirma a necessidade de valorizar a leitura de textos literários de diferentes épocas, já que, nesses textos, “há uma memória e uma experiência que, juntando-se à memória e à experiência do aluno, abrem a chave para a compreensão da vida”.

A linguagem que constrói a literatura infantil apresenta-se como mediadora entre a criança e o mundo, propiciando um alargamento no seu domínio linguístico e preenchendo o espaço do fictício, da fantasia, da aquisição do saber. Vista assim, a produção literária para criança não tem fronteiras. Ela desvela o maravilhoso, o ilimitado, o maleável, o criativo universo infantil, explora a poesia, suscita o imaginário.

“O livro é o instrumento que expressa todo e qualquer conteúdo humano individual e social de forma cumulativa” (Aguiar; Bordini, 1988, p. 25). É possível afirmar que, partindo da leitura, o indivíduo estimula a capacidade de entender melhor sua realidade e seu papel como sujeito nela inserido.

Os textos literários são capazes de recriar as informações sobre a humanidade, vinculando o leitor aos indivíduos de outros tempos. Para Larrosa (2000, p. 36-37), ler

consiste em ver as coisas diferentes, acontecimentos que nunca antes foram vistos, é fazer parte do texto, encontrando seu espaço como parte da leitura e não apenas apropriar-se da história do ponto de vista externo, com finalidade meramente formativa. As pessoas crescem lendo e são permanentemente leitoras em formação, recebendo a cada etapa de sua vida uma nova carga significativa para os conhecimentos já acumulados por suas leituras anteriores. Leite (1988) resume texto literário de uma forma simples:

O texto literário [...] não só exprime a capacidade de criação e o espírito lúdico de todo ser humano, pois todos nós somos potencialmente contadores de histórias, mas também é a manifestação daquilo que é mais natural em nós: a comunicação (Leite, 1988, p. 12).

A coleção *Quando me Sinto* permite, em uma linguagem simples e acessível à criança, entender seus sentimentos e determinadas situações de seu cotidiano. Os aspectos afetivos e cognitivos estão intimamente relacionados entre si, e o cognitivo age tendo o afeto como combustível. Deve-se levar em conta a maneira de pensar do aluno, de perceber as contradições, identificando o que ele sabe e o que ainda precisa saber. O aluno deve ser essencialmente ativo no processo de construção de sua aprendizagem, precisa observar, experimentar, relacionar, analisar, e questionar. O professor deve coordenar e orientar preocupando-se em escutar e mediar o trabalho no processo de aprendizagem, em grupo ou individual, propondo situações desafiadoras baseada na cooperação, solidariedade e respeito mútuo.

No trabalho com sentimento e emoções, o processo de aprendizagem recebe grande contribuições. Nesse momento, os laços entre o professor e o aluno podem ser aprofundados, sendo influenciados positivamente pelas histórias dos livros. A aprendizagem ocorre a partir da relação entre o sujeito e os diversos objetos de conhecimento, sendo, no entanto, tal relação sempre mediada por um agente cultural. O aluno é agente ativo e o professor mediador da sala de aula. Segundo Arantes (2001),

[...] o ser humano constitui-se como tal na sua relação com o outro social. O ser humano é membro de uma espécie biológica que só se desenvolve no interior de um grupo cultural, sua noção de cérebro pressupõe um sistema aberto, de grande plasticidade. Sua estrutura e seu modo de funcionamento são construídos ao longo da história da espécie e do desenvolvimento individual e, nesse processo, a linguagem ocupa um espaço importante em que a cultura fornece ao indivíduo os sistemas simbólicos de representação da realidade (Arantes, 2001, p. 37).

Compreende-se que a afetividade e inteligência são aspectos indissociáveis, intimamente ligados e influenciados pela socialização. A afetividade é necessária na formação de pessoas felizes, éticas, seguras e capazes de conviver com o mundo que as cerca. No ambiente escolar, ela é, além de dar carinho, aproximar-se do aluno, saber ouvi-lo, valorizá-lo e acreditar nele, dando abertura para a sua expressão. Carinho faz parte da trajetória, é apenas o começo do caminho.

Piaget (1969) enfatiza o respeito unilateral da criança pelo adulto. O respeito mútuo, de fundamental importância para o infante, deve ser trabalhado em exercício de cooperação, na convivência em grupo, a partir da experiência histórica de cada uma e de seu nível de desenvolvimento. São os esquemas afetivos, construídos na inter-relação da criança com o seu meio, que irão formar o caráter de cada indivíduo, e o sentimento de respeito que esta nutre em relação a outras pessoas. No que tange aos fenômenos afetivos, tem-se as palavras de Pino (1997):

[...] os fenômenos afetivos representam a maneira como os acontecimentos repercutem na natureza sensível do ser humano, produzindo nele um elenco de reações matizadas que definem seu modo de ser-no-mundo. Dentre esses acontecimentos, as atitudes e as reações dos seus semelhantes a seu respeito são, sem sombra de dúvida, os mais importantes, imprimindo às relações humanas um tom de dramaticidade. Assim sendo, parece mais adequado entender o afetivo como uma qualidade das relações humanas e das experiências que elas evocam [...]. São as relações sociais, com efeito, as que marcam a vida humana, conferindo ao conjunto da realidade que forma seu contexto (coisas, lugares, situações, etc.) um sentido afetivo (Pino, 1997, p. 130-131).

A afetividade no ambiente escolar contribui para o processo ensino-aprendizagem considerando que o professor não apenas transmite conhecimentos, mas também ouve os alunos e ainda estabelece uma relação de troca. O educador deve dar-lhes atenção e cuidar para que aprendam a expressar-se, expondo opiniões, dando respostas e fazendo opções pessoais.

A literatura considerada enquanto diálogo entre dois seres igualmente ativos, o autor e o leitor, estabelece, no primeiro momento, um contato geralmente silencioso e em solidão.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O professor deve fazer uma pré-leitura do livro infantil a ser trabalhado. Não se pode trabalhar com leituras que não foram previamente feitas, e também não se pode cobrar prazer e envolvimento com leituras que não nos provocaram e com as quais não estabelecemos nenhuma relação significativa. É na fase inicial do processo de alfabetização, é através dos sentidos, das sensações apreendidas, que a criança compreenderá o mundo ao seu redor, e os livros de literatura, em especial de imagens, vão possibilitar-lhe recontar histórias e reinventá-las.

A leitura e a escrita possuem uma existência social. Desse modo, seus usos e funções não podem ser desconsiderados pela escola, pois alguém só aprende a ler e escrever porque entende para que e por que faz isso.

Através de todas as leituras realizadas para esta pesquisa, ficou evidente que o hábito de ler só tem sucesso através do posicionamento do professor em sensibilizar o aluno a encontrar o caminho e o prazer pela descoberta de ler, utilizando isso para desenvolver a capacidade de pensar e crescer, proporcionando momentos significativos como: trabalhos em grupos, debates, contação de histórias, dramatização, considerando o nível de desenvolvimento cognitivo do aluno.

Sendo assim, um sujeito atuante, que sente liberdade, prazer e gosto em ser alfabetizado, sente-se valorizado ao participar desse processo.

No primeiro capítulo desenvolvido, focou-se na importância da leitura, do crescimento das crianças através dela, bem como a contribuição da literatura para o processo de letramento e formação dos indivíduos. Os primeiros contatos com os livros despertam na criança o desejo de concretizar o ato de ler o texto escrito, facilitando o processo de alfabetização. A possibilidade de que essa experiência sensorial ocorra será maior quanto mais frequente for o contato da criança com o livro, tornando, assim, o ato de ler mais prazeroso para aqueles que já tem esse costume.

Um texto literário faz com que a linguagem cotidiana venha de forma mais atrativa, falando de assuntos, personagens e situações narrativas que nem sempre fazem parte de nossas vivências. Traz para aqueles que dominam a leitura um mundo de sensações e aventuras capaz de auxiliar no desenvolvimento de novas percepções. Cabe à escola promover o crescimento do leitor, seja pelo contato com muitos e variados gêneros textuais, seja quanto ao formato da escrita literária, pelo

compartilhamento e pela discussão de ideias com o uso de argumentação sólida e coerente.

Para isso, será de suma importância, a troca de informação e a organização do espaço, dando a todos a oportunidade de observar e serem observados, falar e ouvir, criticar e sugerir, pensar para fazer, compreender e ser compreendido.

A organização do espaço para os livros na sala de aula ou na biblioteca é uma condição importante do trabalho com as crianças, pois visa ao prazer de aprender de um jeito significativo. Arrumar a sala para expor os livros e os demais espaços que possam oferecer o acervo da escola, de uma forma que os alunos possam se movimentar fazendo uso dos livros com autonomia, é uma tarefa imprescindível, tendo em vista o caráter pedagógico dos espaços e da literatura. Essa tarefa não é apenas do professor, mas de todos que fazem a instituição.

Com esse propósito e para alcançar os objetivos do projeto, sugere-se aos professores que estejam sempre atentos aos interesses do grupo, criem possibilidade de discussão e debates sobre os temas das atividades propostas e promovam situações para o desenvolvimento da autonomia. Essa prática tem como objetivo possibilitar o desenvolvimento integral do aluno, oportunizando momentos de aprendizagens significativos, fazendo com que os alunos se sintam parte integrante do processo de ensino e de aprendizagem. A autora Tereza Colomer (2003, p. 92) afirma:

se as crianças entram em contato com a literatura através dos livros infantis e juvenis, é necessário pensar que tipo de aprendizagem é essa, que tipo de texto supõe e que relação há entre os textos destinados às crianças e o conjunto dos fenômenos literários.

No segundo momento do trabalho, procurou-se enfatizar a relevância do leitor literário e da biblioteca escolar dentro da formação do indivíduo. Muitas considerações positivas podem ser feitas quanto à utilização de livros infantis no ensino, as mais relevantes estão no fato de que a leitura de literatura infantil guarda características próprias de sua função, enquanto texto em que o leitor conduz a leitura de maneira própria, atualizando no tempo e no espaço.

Ler histórias para crianças é poder sorrir, rir, gargalhar com as situações vividas pelas personagens, é estimular o imaginário, é ter a curiosidade respondida em relação a tantas perguntas, é encontrar ideias para solucionar questões. É uma

possibilidade de descobrir o mundo imenso dos conflitos, dos impasses, das soluções que todos vivemos e atravessamos.

Outro fator que se faz importante no processo de leitura literária é sua contribuição positiva para o amadurecimento dos indivíduos, tanto do ponto de vista psicológico, emocional e social. No ouvir e no contar histórias, pode-se sentir a emoção, a tristeza, o pavor, a insegurança, a tranquilidade e tantos outros sentimentos. Tornar o hábito da leitura uma prática prazerosa no dia a dia da criança é uma tarefa que desafia o educador. Para superá-la, sua capacidade de analisar criticamente os textos disponíveis no início do processo de escolarização tem que possibilitar uma leitura que favoreça uma construção de sentidos abrangendo diversas linguagens – a corporal, a plástica, a imagética, a musical.

Ao observar todos esses pontos dentro do ambiente real da Escola Atílio Benedetti, e a realidade que se apresenta no que tange ao processo de leitura literária, foi constatado que cada professor pode desenvolver o seu próprio trabalho de leitura, já que a biblioteca não conta mais com uma professora exclusiva para o setor. De forma individualizada, as professoras desenvolveriam um projeto de leitura que estimulasse os alunos a conhecerem os livros e se tornarem leitores assíduos.

Analisando o livro de registros do acervo da biblioteca em questão, detectou-se o gosto dos alunos de terceiro, quarto e quinto ano do ensino fundamental, destacando a preferência dos livros que fazem parte da coleção *Quando me sinto*. Todos os livros dessa coleção são voltados para os sentimentos dos alunos diante de inúmeras situações adversas. Os volumes permitem que eles se identifiquem com os personagens e as históricas, possibilitando que situações cotidianas possam ser reconhecidas e solucionadas, utilizando as técnicas dos personagens das histórias. O amadurecimento emocional dos alunos é de suma importância ao passo que ele contribui intimamente para a formação dos cidadãos, em especial de cidadãos leitores e bem informados.

Muitas sugestões podem ser aplicadas no ambiente escolar. Em um primeiro momento, seria um projeto elaborado individualmente pelos professores em sua sala de aula, com objetivos e propostas coerentes com seu ano de ensino, sua didática, e que permaneça durante todo o ano letivo. Outra ideia seria reservar um horário fixo semanal para que cada turma possa passar um tempo dentro da biblioteca, conhecendo, lendo, escolhendo seus títulos, juntamente com a professora titular. E o mais importante depois de analisar esta pesquisa seria, futuramente, o pedido de um

profissional para novamente trabalhar dentro da biblioteca escola, pois nota-se a diferença de ambiente quando havia uma professora atuando no local e hoje sem ninguém para conduzir o trabalho. Da mesma forma, há diferença entre a dedicação dos alunos quando tinham que apresentar o livro e fazer a troca, pois era uma atividade fora da sala de aula, e isso também motivava as crianças.

Com o passar do tempo, será possível observar o aumento do interesse pelos livros, mostrando a eficácia do projeto, como também a melhora da leitura em sala de aula e o auxílio no processo de alfabetização de alguns alunos.

O perfil humanizador dos leitores, que foi observado dentro do ambiente da escola, vai conduzi-los para novas leituras e descobertas em sua vida. Identificar-se com personagens e situações permite que o leitor tenha um novo ponto de vista, viva novas situações tendo uma base de valores e de opções que possui.

A pesquisa poderá ter continuidade futuramente a partir da investigação do perfil de leitor dos alunos de sexto, sétimo, oitavo e nono ano da mesma forma, ou seja, analisando as retiradas de livros na biblioteca, pois esses são leitores que procuram literatura infantojuvenil.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Vera Teixeira de. A formação do leitor. *In*: UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA. Prograd. **Caderno de formação**: formação de professores didática geral. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011, p. 104-116, v. 11. Disponível em: <http://acervodigital.unesp.br/handle/123456789/40359>. Acesso em: 12 nov. 2021.
- ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de; SANTOS NETO, João Arlindo dos. A mediação da informação e a organização do conhecimento: Interrelações. **Informação & Informação**, Londrina, v. 19, n. 2, 2014. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/16716>. Acesso em: 15 jun. 2023.
- APARECIDO, José Francisco. Quando a aula se torna atraente. **Revista Mundo Jovem**. Ano XLII, n. 351, out. 2004.
- BARBOSA, R.T.P. **A Leitura em Dois Pontos**: ler e contar histórias. Releitura, n. 12, p 22-36, Belo Horizonte: [s. n.], 1999.
- BETTLHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. 3. ed. Brasília: Ministério da Educação, 2001.
- BRASIL. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil - RCNEI**. Vol. 3. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- BRITTO, Luiz Percival Leme. **Ao revés do avesso**: leitura e formação. São Paulo: Pulo do Gato, 2015.
- BRITO, Priscila. **Trace Moroney – livros ilustrados que falam de sentimentos**. 2019. Disponível em: <https://thaislaski.com.br/trace-moroney-livros-ilustrados-que-falam-de-sentimentos/>. Acesso em: 13 ago. 2023.
- CADEMARTORI, Lígia. **Glossário Ceale**. 2010. Disponível em: <https://www.ceale.fae.ufmg.br/glossarioceale/referencia/cademartori-l-o-que-literatura-infantil-s-o-paulo-brasiliense-2010-cole-o-primeiros-passos-#:~:text=Autor%3A%20L%C3%ADgia%20Cademartori&text=A%20literatura%20infantil%20%C3%A9%20um,lugar%20entre%20os%20demais%20livros>. Acesso em: 06 ago. 2023.
- CAFIERO, Delaine. **Leitura como Processo**. Belo Horizonte: Ceale/FaE/UFMG, 2005.
- CAGLIARI, L. C. **Alfabetização & Linguística**. São Paulo: Scipione, 2003.
- CASTRILLÓN, Silvia. **O direito de ler e de escrever**. São Paulo: Editora Pulo do Gato, 2011.

COLOMER, T. **A formação do leitor literário: narrativa infantil e juvenil atual.** Tradução Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2003.

CÔRTE, Adelaide Ramos; BANDEIRA, Suelena Pinto. **Biblioteca escolar.** Brasília: Briquet de Lemos, 2011.

DALL AGNOL, Samira. **A leitura literária como experiência performática: estudo das práticas leitoras de professores de língua inglesa.** Tese apresentada ao Programa de Doutorado em Letras. Associação Ampla UCS/UniRitter. 2021. Disponível em: <https://repositorio.ucs.br/xmlui/handle/11338/8839>. Acesso em: 15 jun. 2023.

DIAS, Ana Iório. **Ensino da linguagem no Currículo.** Fortaleza: Brasil Tropical, 2001.

FARIA, Elaine Turk. **O Professor e as Novas Tecnologias.** 2014. Disponível em: http://aprendentes.pbworks.com/f/prof_e_a_tecnol_5%255B1%255D.pdf. Acesso em: 28 ago. 2022.

FLECK, Gilmei Francisco. **A formação do leitor literário: Desafios educacionais e compromisso social do sistema escolar.** 2019. Disponível em: https://www.academia.edu/43775391/A_FORMA%C3%87%C3%83O_DO_LEITOR_LITER%C3%81RIO_DESAFIOS_EDUCACIONAIS_E_COMPROMISSO_SOCIAL_D_O_SISTEMA_ESCOLAR_THE_LITERARY_READERS_FORMATION_AN_EDUCATIONAL_CHALLENGE_AND_A_SOCIAL_DUTY_OF_THE_SCHOOL_SYSTEM. Acesso em: 13 jul. 2023.

GATÈ, Jean-Pierre. **Educar para o sentido da escrita.** 2. ed. São Paulo: Edusc, 2001.

GIACOPINI, Carina Maria Momoli. **A Presença da Literatura Infantil na Revista “Leitura: Teoria & Prática”.** Trabalho de Conclusão de Curso apresentado no Curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da UNICAMP. 2007. Disponível em: www.alb.com.br/ftp/img/tcc_carina.pdf. Acesso em: 18 abr. 2022.

GOMES, Lenice. **Parlendas, Cantigas de roda e Brincadeiras.** Disponível em: www.construirnoticias.com.br/asp/materia.asp?id=42. Acesso em: 27 set. 2022.

GONÇALVES, Maria Euza Silva. **A importância da leitura no Ensino Fundamental.** 2014. Disponível em: <http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/handle/123456789/4758>. Acesso em: 07 mar. 2023.

KLEIMAN, Angela B. **Letramento e suas implicações para o ensino de Língua materna.** 2007. Disponível em: <http://online.unisc.br/seer/index.php/signo/article/viewFile/242/196>. Acesso em: 23 abr. 2022.

_____. **Oficina de leitura: teoria e prática.** 3. ed. Campinas, SP: Pontes, 1995.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **Literatura Infantil Brasileira: História & Histórias**. São Paulo: Ática, 2007.

LEFFA, Vilson J. **Aspectos da leitura**. Porto Alegre: Sagra: DC Luzzatto, 1996.

MAIA, J. **Literatura na formação de leitores e professores**. São Paulo: Paulinas, 2007.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Oralidade e escrita**. *In*: Conferência de Abertura do II Encontro Franco-Brasileiro de Ensino de Língua. Realizado na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Natal, outubro de 1995.

MEIRELES, Cecília. **Problemas da literatura infantil**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

MOLL, J. **Alfabetização possível: reinventar o ensinar e o aprender**. Os equívocos no ensino da língua escrita. 6. ed. Porto Alegre: Meditação, 2002.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. **Educação e letramento**. São Paulo: UNESP, 2004.

NASCIMENTO, Zilda Elena Vieira. **A Importância da Literatura no Desenvolvimento Infantil**. Memorial apresentado à Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. 2006. Disponível em: libdigi.unicamp.br/document/?down=20838. Acesso em: 10 abr. 2012.

NUNES, Martha Suzana Cabral; SANTOS, Flaviana de Oliveira. Mediação da leitura na biblioteca escolar: práticas e fazeres na formação de leitores. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 25, n. 2, p. 3-28, jun./2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pci/a/d8qjXtVvK3FzRTXJfRg7Pd/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 20 set. 2023.

PAN, Miriam Aparecida G. Souza. **Letramento escolar e processos subjetivos**. São Paulo: Plexus, 2006.

PELLEGRINI, Denise. Ler e escrever. **Revista do Professor Escola**. Ministério da Educação FNDE. set./2001, p. 11-19.

PETIT, M. **Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva**. São Paulo: Editora 34, 2008.

PICANÇO, Ana Luísa Bibe. A relação entre escola e família: as suas implicações no processo de ensino-aprendizagem. **Repositório Comum**. Lisboa, 2012. Disponível em: <http://comum.rcaap.pt/handle/10400.26/2264>. Acesso em: 09 abr. 2023.

QUEIROZ, Marli Aparecida de Oliveira; TAVAES, Tadeu Zaccarelli. A importância da leitura no processo de alfabetização. **Revista de Pós-Graduação Multidisciplinar**, São Paulo, v. 1, n. 3, p. 111-120, nov. 2017/fev. 2018.

ROCHA, Pedro Albeirice da; LOPES, Robson Vila Nova. **Literatura Infanto-Juvenil: História e Relações com a Pedagogia**. 2016. Disponível em: http://cepisnf.uff.br/wp-content/uploads/sites/428/2018/08/pedro_alberice_e_robson_lopes_especial.pdf. Acesso em: 13 maio 2022.

RODRIGUES, Marinéa Figueira; FERREIRA, Sheila Alves Diniz. A importância da leitura nas séries iniciais do ensino fundamental. **Revista Mosaico**. jul./dez. 2006.

RODRIGUES, Naiana. **Meta é despertar o prazer da leitura**. 2007. Disponível em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/metro/meta-e-despertar-o-prazer-da-leitura-1.406061?page=2>. Acesso em: 13 ago. 2022.

ROMANI, Maria Solange Millis. **A importância da Literatura Infantil no Processo de Letramento**. Disponível em: www.ced.ufsc.br/~turma787/entrev01_1.html. Acesso em: 14 maio 2022.

ROSENAU, Luciana dos Santos. **Pesquisa e prática profissional: educação infantil**. Curitiba: IBPEX, 2008.

SILVA, Daniele Cristina Agostinho. **Literatura infantojuvenil**. 2012. Disponível em: <https://www.infoescola.com/literatura/literatura-infantojuvenil/>. Acesso em: 23 maio 2022.

SILVA, I. M. M. **Literatura em sala de aula: da teoria literária à prática escolar**. Recife: Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPE, 2005.

SOARES, M. **Alfabetização e letramento**. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2017.

_____. **Linguagem e Escola**. Uma perspectiva social. 15. ed. São Paulo: Ática, 2001.

TEIXEIRA, Francisca Samara. **Alfabetização e Linguagem: Refletindo sobre Oralidade, Leitura e Escrita**. 2015. Disponível em http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/LinguaPortuguesa/artigos/oralidade_leitura_escrita.pdf. Acesso em: 17 ago. 2023.

VAN GENNEP, Arnold. **Os ritos de passagem: estudo sistemático dos ritos de porta e da soleira, da hospitalidade, da adoção, gravidez e parto, nascimento, infância, puberdade, iniciação, coroação, noivado, casamento, funerais, estações, etc.** 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

VICHESSI, Beatriz. **Revista Nova Escola**. ano XXV, n. 237, nov. 2010.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

ZILBERMAN, Regina. **A leitura e o ensino da literatura**. São Paulo. Contexto, 1988.

_____. O papel da literatura na escola. **Revista Via Atlântica**, n. 14, p. 11-22, dez. 2008. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/viaatlantica/article/view/50376>. Acesso em: 19 nov. 2021.

ZILBERMAN, Regina; LAJOLLO, Marisa. **A formação da leitura no Brasil**. São Paulo: Ática, 1984.